

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

ROBERTA SOARES DA ROSA

PEDAGOGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: AS MANIFESTAÇÕES DE 2013
COMO ESPAÇO DE APRENDIZADO

SÃO LEOPOLDO

2015

Roberta Soares da Rosa

PEDAGOGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: AS MANIFESTAÇÕES DE 2013
COMO ESPAÇO DE APRENDIZADO

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Mestra,
pelo Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Telmo Adams

São Leopoldo
2015

R788pRosa, Roberta Soares da
Pedagogia dos movimentos sociais: as manifestações de
2013 como espaço de aprendizado/ Roberta Soares da Rosa. –
2015.
101f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação. São
Leopoldo, RS, 2015.
Orientador: Prof. Dr. Telmo Adams.

1. Educação. 2. Movimentos sociais – Porto Alegre. 2.
Participação política. 3. Redes sociais. I. Título. II. Adams,
Telmo.

CDU 37:323.4(816.51)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária Raquel Herbcz França – CRB 10/1795)

Roberta Soares da Rosa

PEDAGOGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: AS MANIFESTAÇÕES DE 2013
COMO ESPAÇO DE APRENDIZADO

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Mestra,
pelo Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS

Aprovada em ____ de fevereiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Telmo Adams (orientador) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Prof. Dra Eliane Schlemmer – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Prof. Dr. Cheron Zanini Moretti – Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

AGRADECIMENTOS

A minha família pelo apoio antes e durante a realização dessa pesquisa que faz parte do meu projeto de vida.

Ao meu companheiro Gláuber e meu filho Caetano por compreenderem as minhas ausências em decorrência da realização da pesquisa.

Especialmente o meu orientador Prof. Dr. Telmo Adams pelos ensinamentos, paciência e motivação, e por ter aceitado junto a mim o desafio de pesquisar o tema relativamente recente.

Aos colegas da turma de Mestrado de 2013 pelas trocas e a convivência de aprendizados.

Aos professores e colegas da Linha de Pesquisa Educação, Desenvolvimento e Tecnologia, pela partilha de projetos e saberes.

Aos participantes da pesquisa pela disponibilidade.

Ao Círculo Operário Leopoldense por me permitir flexibilizar o horário de trabalho.

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos e, em especial, a Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação, por toda atenção e simpatia.

Ao Programa CAPES/PROEX pela bolsa concedida.

*Tudo aconteceu num belo dia
quando o povo da Turquia resolveu se levantar
inspirando o povo brasileiro a ser forte
ser guerreiro e ir pra rua pelear*

*Pela terra primaveras
Em São Paulo foi 70mil, o Rio fez 110mil
A Bahia fez brotar,
Belo Horizonte foi pras ruas, Brasília fez a sua
E o povo a acordar
Pela terra primaveras
(Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela)*

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo compreender as dimensões educativas nos processos das ações coletivas estimulados pelo Bloco de Lutas pelo transporte Público Porto Alegre. A metodologia utilizada foi a sistematização de experiências na perspectiva da pesquisa participante, através de entrevistas individuais, roda de conversa e netnografia. A referência teórica foi construída a partir de Maria da Glória Gohn, Paulo Freire, Alberto Melucci, Ilse Sherer-Warren, Manuel Castells, André Lemos, Hugo Assmann, Danilo Streck, entre outros. Nesse sentido, nos propomos a refletir sobre as mudanças que vem acontecendo nos movimentos sociais quanto à forma de organização e comunicação e se esses movimentos proporcionam algum aprendizado a seus participantes. Concluímos que o Bloco de Lutas proporciona espaços de formação intencionais como aulas públicas, no entanto, os sujeitos identificam como principal espaço de formação a vivência de militância nos protestos de rua, assembleias e ocupações. Identificamos indicadores de que o Bloco promove a conscientização dos sujeitos, pois tem participantes comprometidos com a realidade na busca por um mundo mais justo e igualitário, mantendo-se envolvidos em causas sociais que vão além desta organização de mobilização.. As mídias sociais aparecem como forte característica desse tipo de movimento, fundamental para a comunicação e mobilização dos sujeitos, no entanto a dificuldade de mediação pedagógica traz algumas limitações na sua utilização.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos sociais. Participação. Mídias sociais. Mobilizações de 2013.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the educational dimensions in the collective actions processes stimulated by Porto Alegre Public transport Block Struggles. The methodology used was the systematization of experiences from the perspective of participatory research, through individual interviews, conversation circles and netnography. The theoretical background was built from Maria da Glória Gohn, Paulo Freire, Alberto Melucci, Ilse Scherer-Warren, Manuel Castells, André Lemos, Hugo Assman, Danilo Streck, among others. In this sense, we propose to reflect on the changes that have been happening in the social movements on how to organization and communication and these movements provide some learning to its participants. We conclude that the Fights Block provides intentional training spaces as public classes, however, the subjects identified as the main training area militancy of experience in street protests, meetings and occupations. We identify indicators that the Block promotes awareness of the subject, because it has participants committed to the reality in the search for a more just and equal world, staying involved in social causes that go beyond this mobilization organization. Social media appear as strong characteristic of this type of movement, essential for communication and mobilization of the subjects, however the difficulty of pedagogical mediation brings some limitations in its use.

KEY WORDS: Social Movements; Participation, Social Media; 2013 Mobilizations.

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS – Síndrome da Imonodeficiência Adquirida
ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPRS /Sindicato– Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul-
Sindicato dos Trabalhadores em Educação
DCE – Diretório Central de Estudantes
EJA – Educação de jovens e adultos
EUA – Estados Unidos da América
FAG – Federação Anarquista Gaúcha
FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FSM – Forum Social Mundial
GT – Grupo de Trabalho
HIV – Vírus da Imonodeficiência Humana
IHU – Instituto Humanitas Unisinos
IMS – Instituto Marista de Solidariedade
MPL – Movimento Passe Livre
MS – Movimentos Sociais
MST- Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
ONG – Organização Não Governamental
OP – Orçamento Participativo
PCD – Pessoa com Deficiência
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCO – Partido da Causa Operária
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT – Partido dos Trabalhadores
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RN – Rio Grande do Norte
SCIELO - Scientific Eletronic Library Online
SMIC – Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio
SP – São Paulo
TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

TV - Televisão

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	21
2.1 Conjuntura Política local e global - Globalização x globalização alternativa x globalização contra-hegemônica.....	27
2.2 O Foco da Pesquisa	28
2.3 Justificativa, Relevância e Objetivos da Pesquisa.....	33
3 MÉTODO.....	36
3.1 A sistematização de Experiências como Metodologia.....	36
3.2 O caminho metodológico percorrido.....	38
3.2.1 Entrevistas individuais	40
3.2.2 Netnografia.....	41
3.2.3 Roda de conversa	46
3.3 Procuramos identificar elementos que indiquem conscientização (indicadores) para analisar a dimensão educativa do Bloco de Lutas.....	47
4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS, NOVAS FORMAS DE MOBILIZAÇÃO E MÍDIAS SOCIAIS.....	49
4.1 Revendo a Teoria dos Movimentos Sociais	49
4.2 O pedagógico e o educativo nos Movimentos Sociais	51
4.3 A incorporação das novas tecnologias (mídias sociais) na organização dos Movimentos Sociais	55
4.4 O papel da juventude nos Novíssimos Movimentos Sociais	60
5 COMPREENDENDO O PERFIL DO MILITANTES E AS DIMENSÕES EDUCATIVAS E O SENTIDO DA PARTICIPAÇÃO E DO USO DAS MÍDIAS SOCIAIS.....	65
5.1 O Perfil dos militantes.....	65
5.2 As dimensões educativas do Bloco de Lutas pelo Transporte público Porto Alegre	72
5.2.1 Comprometimento com a realidade	73
5.2.2 Espaços de formação.....	76
5.2.3 Sentimento de realização e exercício da cidadania	78
5.3 Contribuições e limites das Mídias Sociais	80
6 CONSIDERAÇÕES.....	84

APÊNDICE A - FORMULÁRIO ELETRÔNICO PARA VISUALIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E IDENTIFICAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS PARA A PESQUISA ..	94
APÊNDICE B - TERMO DE LIVRE CONSCIENTIMENTO.....	96
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL.....	99
ANEXO A - PROGRAMAÇÃO DO SEMINÁRIO: PASSE LIVRE, TRANSPORTE 100% PÚBLICO E MOBILIDADE URBANA.....	100
ANEXO B - PANFLETO DO BLOCO DE LUTA.....	101
ANEXO C - NOTA DO BLOCO DE LUTA.....	102
ANEXO D - INSTRUÇÕES SOBRE O SPRAY DE PIMENTA.....	103

1 INTRODUÇÃO

As ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam a organização popular para expressão e luta por demandas identificadas pelos distintos grupos, caracterizam-se como Movimento Social. A busca por igualdade e conquista de direitos sempre foram as principais motivações dos movimentos sociais. Nos anos 70-80, o tema movimento social passou a ser considerado como fonte de renovação das ciências sociais e da forma de fazer política (GOHN, 2010). Segundo a autora os movimentos sociais sempre existiram e sempre existirão, pois eles expressam energias sociais antes dispersas que são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas de fazer propositivo. Entretanto, existem vários tipos de movimentos sociais, desde conservadores e nacionalistas, - para os quais mudanças sociais e emancipatórias não são seus objetivos -, até movimentos sociais progressistas que atuam segundo uma agenda emancipatória, articulam ações coletivas¹ e lutam pela inclusão social.

Segundo Melucci (2001) na sociedade contemporânea as condutas dos movimentos sociais contemplam diferentes dimensões, como reivindicativa caracterizada pela organização e mobilização para reivindicar vantagens e direitos de determinado grupo. Outra dimensão de conduta do movimento pode ser política que busca mudança do sistema político, lutando por mais abertura para a participação nos processos decisórios e garantia de acesso aos espaços estabelecidos. O movimento pode ainda apresentar uma conduta antagonista que questiona a produção de recursos de uma sociedade, bem como seu modelo de desenvolvimento. Para o autor, não existem movimentos que apresentem estas dimensões em estado puro, pois todos tendem a se relacionar com o sistema político e a organização social. Contudo, dentro destas três características, cada movimento poderá estar se encontrando com maior identidade a uma delas.

No Brasil preponderou uma corrente dos movimentos sociais que apostava na mudança da conjuntura política do país por meio da conquista do poder do Estado (ADAMS, 2010). Estes movimentos sociais com conduta política emancipatória taxavam de assistencialistas e conservadores os movimentos com práticas sociais

¹Para Melucci (2001, p. 46), “a ação coletiva é um sistema de ação multipolar que combina orientações diversas, envolvendo atores múltiplos e implica um sistema de oportunidades e de vínculos que dá forma as suas relações”.

relacionadas à luta pela sobrevivência, direitos básicos e geração de trabalho e renda. No entanto estas organizações, talvez não muito politizadas, mas preocupadas com a garantia e acesso a direitos básicos, passam a multiplicar-se firmando seus processos práticos e metodológicos em diversos espaços comunitários.

A partir dos anos 1990 a defesa da ética, a cidadania solidária, a democracia participativa e a busca de um novo paradigma de desenvolvimento que prime pela justiça social e a sustentabilidade ambiental, passam a ser pauta mais comum nos movimentos sociais (STRECK e ADAMS, 2012).

Na América Latina o contexto político no início do século XXI foi marcado pela eleição de governos democráticos e mais sensíveis às questões sociais que identificavam-se com a ideologia dos movimentos sociais. Desta forma a sociedade civil organizada, passa a fazer parcerias com estes governos, na execução de políticas públicas sociais e assistenciais. Esta nova política de divisão da gestão dos fundos públicos com a sociedade civil organizada faz com que estas assumam um caráter mais executor e propositivo do que reivindicativo. Muitos movimentos se transformam em ONGs ou são incorporados por instituições sociais já existentes que os apoiavam para executarem projetos que já vinham formulados, destinados à pequenas parcelas da população, com objetivos definidos, prazos e metas estabelecidas. Assim, os movimentos sociais, em muitos casos, deram origem a outras formas de organização mais institucionalizadas e a mobilização passou a ser para a adesão da população aos projetos ofertados e não mais para a reivindicação de direitos (GOHN, 2003).

As ONGs, no contexto do Terceiro Setor, foram as primeiras a se organizarem coletivamente, apresentando seus valores e identidade à sociedade, negando ações assistencialistas, promovendo e defendendo direitos (FALCONER, 1999). Mas além das organizações não governamentais o terceiro setor é constituído pelas fundações, associações comunitárias, movimentos sociais, institutos, etc.

O nome *Terceiro Setor* indica os entes que estão situados entre os setores empresarial (segundo setor) e estatal (primeiro setor). Os entes que integram o Terceiro Setor são entes privados, não vinculados à organização centralizada ou descentralizada da Administração Pública, que não almejam entre seus objetivos sociais o lucro e que prestam serviços em áreas de relevante interesse social e público. (MANUAL DO TERCEIRO SETOR, 2013, p.13).

Segundo Montaño (2007), contudo, o termo Terceiro Setor chegou ao Brasil por intermédio da Fundação Roberto Marinho e foi criado com base e interesses capitalistas, sendo o Estado o Primeiro Setor e instituições empresarias de mercado o Segundo Setor. Sabottka (2003) afirma que o termo vem sendo usado no Brasil desde a década de 1990 se tornando popular a partir de um trabalho de divulgação da Civicus² e que nos Estados Unidos o termo é utilizado há mais de quatro décadas e definido como: “Um setor na atividade econômica que não tem fins lucrativos e se dedica à assistência social, ao fomento à cultura e à ciência ou a outras atividades desinteressadas com incentivos tributários”.

Não há acordo entre teóricos e pesquisadores quanto à definição do Terceiro Setor. Falta rigor na caracterização deste, que reúne no mesmo sítio organizações formais, voluntárias e/ou individuais, entidades de interesse político, econômicas, organizações de classes trabalhadoras. Montaño (2007) faz uma provocação quanto ao conceito questionando se os movimentos de luta como FARC e MST são classificados como Terceiro Setor, já que não são estatais nem da órbita do mercado, no entanto, este tipo de organização não é citado por autores que abordam o conceito. E alguns ainda caracterizam o terceiro setor com manifestações pacíficas sem lutas de maior impacto e enfrentamento, destituindo-o do seu caráter ideológico e cheio de contradições e ambiguidades.

O conceito de terceiro setor veio na carona da compreensão de que o espaço público transcende o estatal. Mas a ambigüidade é inerente em sua utilização para os diversos interesses, nos últimos anos, conta-se tendência à predominância de uma acepção que visa incorporar o social na racionalidade econômica do lucro, atribuindo a legitimação do terceiro setor às falhas do mercado e à insuficiência do mercado. (ADAMS, 2010, p. 96).

De forma objetiva e resumida os Movimentos Sociais caracterizam-se por seu caráter de luta, reivindicação, princípios e ações que visam mudanças ou manutenção de conquistas. As ONGs são espaços organizados da sociedade civil sem fins lucrativos, atuando ou apoiando causas comuns ao grupo que as compõe, ou de acordo com o público que atuam, e muitas delas nasceram de Movimentos Sociais. Podem continuar ou não sendo apoiadores dos mesmos ou suscitadores de novos movimentos.

²Aliança Internacional dedicada a fortalecer a ação do cidadão e da sociedade civil em todo o mundo.

O termo Terceiro Setor devido a sua origem capitalista e ao seu caráter polissêmico não agrada muitas das organizações não governamentais, no entanto o mesmo abarca a maioria delas. A característica comum a estas categorias é a raiz destas organizações nas demandas sociais. Elas surgem sempre para a reivindicação e/ou garantia de direitos. Nasceram de demandas identificadas por grupos com necessidades comuns. Contraditoriamente, muitas vezes, na busca pela sustentabilidade financeira acabam perdendo de vista seus principais objetivos e princípios, abdicando inclusive do caráter não governamental, assumindo a execução terceirizada de políticas de Estado. Este contexto, nas últimas décadas, contribuiu para a crise dos movimentos sociais urbanos.

Acredito que por se tratar de um conceito muito amplo e relativamente aberto, a classificação da entidade poderia basear-se nos princípios que estas seguem, no papel que desempenham, em sua origem, seus objetivos, identidade, ações e principalmente a intencionalidade de sua atuação na realidade.

Para Arroyo (2003), os Movimentos Sociais surgem em contextos de exclusão, violação e negação de direitos. A articulação das pessoas em coletivos permite que estes se descubram como sujeitos. Assim os movimentos sociais apresentam-se como espaços de educação informal, onde os sujeitos no mínimo aprendem sobre seus direitos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 em seu artigo 1º reconhece os movimentos sociais como espaço educativo:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Neste contexto o conceito de educação amplia-se e ultrapassa os limites da escola demandando uma nova organização, a da educação não-formal:

Ela aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, ONGs e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área social; ou processos educacionais frutos da articulação das escolas com a comunidade educativa, via conselhos, colegiados, etc. (GOHN, 2008).

Para Arroyo (2003) as situações de tensão, seja as de motivação ou as de luta, vivenciadas pelos militantes dos Movimentos Sociais envolvem riscos. A estas

situações o autor chama “vivências totalizantes” e reforça a idéia de Movimento Social como espaço que educa, pois segundo o autor, “a luta pela vida, educa por ser o direito mais radical da condição humana.”

O termo não-formal também é usado como sinônimo de informal, no entanto, há diferenças entre estes conceitos. Podemos classificar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, através da troca de experiências, principalmente, em espaços e ações coletivos cotidianas. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. Já a informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados. (GOHN, 2006).

Gadotti, igualmente, traz elementos para definir a educação não-formal afirmativamente ao invés de concebê-la em oposição à educação formal.

Gostaria de definir a educação não-formal por aquilo que ela é, pela sua especificidade e não por sua oposição à educação formal. Gostaria também de demonstrar que o conceito de educação sustentado pela Convenção dos Direitos da Infância ultrapassa os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia da criança. (GADOTTI, 2005).

Para Gadotti, a educação não-formal é menos hierárquica e menos burocrática, mas ainda assim, é uma atividade educacional organizada e sistemática que acontece fora do sistema formal

Assim como a educação formal, a não formal tem o objetivo de formar cidadãos plenos; e as duas podem ocorrer dentro e fora da escola, pois esta não é apenas espaço da escolarização formal, no sentido do curricular. Nela ocorrem tantas outras atividades complementares, além das possibilidades de contra turno, projetos culturais e sociais que vão além das atividades curriculares. Gohn (2010) enumera resumidamente os objetivos da educação não formal como sendo: educação para a justiça social; educação para os direitos (humanos, sociais, políticos, culturais, etc.); educação para a liberdade; educação para a igualdade e a

diversidade cultural; educação para a democracia; educação contra toda e qualquer forma de discriminação; educação pelo exercício da cultura e para manifestação das diferenças culturais. Porém, todos estes aspectos são também objetivos da educação formal.

Na atualidade, estimulados pela potencialidade da internet, percebemos a proliferação de Movimentos Sociais que ultrapassam limites geográficos. São movimentos transnacionais que promovem protestos simultâneos em vários países. Vivemos na era da informação onde as informações são a matéria prima da tecnologia³, e circulam através de diversos meios, a informação alicerça o conhecimento e a comunicação (CASTELLS, 1999). Neste sentido, os protestos e ações dos movimentos transnacionais, muitas vezes, são articulados com auxílio decisivo de Tecnologias de Informação e Comunicação (mídias sociais, e-mail, fóruns e grupos on-line, etc.). A apropriação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) pelos movimentos sociais tem possibilitado novas formas de ações coletivas.

A comunicação de valores e a mobilização em torno do sentido são fundamentais. Os movimentos culturais (entendidos como movimentos que têm como objetivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que estes movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui atuar na consciência da sociedade no seu conjunto.(CASTELLS, 2004, p.170).

Para Santaella (2003) os meios de comunicação são apenas canais para troca de informações e categoriza os meios de comunicação em seis modos de expressão cultural: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. A autora ressalta alguns cuidados quanto a esta divisão em “eras” (PINTO, 2005), como por exemplo, não atribuir as mudanças culturais ao surgimento e adoção de novas tecnologias de informação. O surgimento de uma nova tecnologia não extingue a tecnologia anterior, podendo as

³De acordo com Castells(2003),as principais características do *paradigma tecnológico informacional* são: 1) a informação é a matéria prima fundamental; 2) a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias: o processamento de informação torna-se presente em todos os domínios de nosso sistema eco-social e, por isso, o transforma; 3) a lógica de redes, lógica bem adaptada à crescente complexidade das interações e a modos imprevisíveis de desenvolvimento; 4) a flexibilidade, entendida como a capacidade de reconfiguração constante sem destruir a organização - porém, essa flexibilidade pode ser tanto uma força libertadora quanto se tornar uma tendência repressiva, salienta o autor; 5) a convergência de tecnologias específicas num sistema altamente integrado.

mesmas coexistirem de forma interdependente. Além disso, destaca que o mais importante são as mensagens e princípios éticos que circulam nesses meios de comunicação.

Embora sejam responsáveis pelo crescimento e multiplicação dos códigos e linguagens, meios continuam sendo meios. Deixar de ver isso e, ainda por cima, considerar que as mediações sociais vêm das mídias em si é incorrer em uma ingenuidade e equívoco epistemológicos básicos, pois a mediação primeira não vem das mídias, mas dos signos, linguagem e pensamento, que elas veiculam (SANTAELLA, 2003, p. 25).

A sociedade é dinâmica e muda conforme seus conflitos e gestão política, a internet apresenta-se como um eficiente meio de comunicação e organização através do qual, muitos movimentos sociais vêm se articulando. Esta nova forma de articulação caracteriza os “novos movimentos sociais” conferindo-lhes lutas com dimensões globais e organização descentralizada.

Com a globalização e a informatização da sociedade, os movimentos sociais em muitos países, inclusive no Brasil e em outros países da América Latina, tenderam a se diversificar e se complexificar. Por isso, muitas das explicações paradigmáticas ou hegemônicas nos estudos da segunda metade do século XX necessitam de revisões ou atualizações ante a emergência de novos sujeitos sociais ou cenários políticos. (SCHERER-WARREN, 2006, p.109)

A Primavera Árabe é um exemplo de movimento articulado, organizado e divulgado por meio das TICs. Uma das justificativas do nome “Primavera Árabe” pode ser atribuído ao despertar do mundo árabe para sua condição social e política, entre elas podemos citar, altos índices de desemprego, regime político ditatorial e a pouca liberdade de expressão. As mídias sociais (facebook e twitter) tiveram papel fundamental na organização dos protestos contra os governos autoritários dos países do norte da África do Oriente Médio englobando realidades políticas e culturais distintas entre si como Egito, Síria, Líbia, Iêmem e Tunísia.

Um estudo da Dubai School of Government (2011) analisa o impacto das redes sociais nos movimentos civis da região. Segundo o relatório, o número de contas no Facebook nos países árabes aumentou de forma significativa, chegando a 27.711.503 usuários em abril de 2011, dos quais cerca de 70% possuem entre 15 e 29 anos. Em países como Qatar e Emirados Árabes, cerca de 29% da população total é usuária do Facebook, e no Iêmen, por exemplo, houve um crescimento de 47% de usuários da rede social em relação ao ano anterior. O estudo ainda mostra que, no Egito, cerca de 60% dos usuários do Facebook declararam usá-lo para fins de conscientização sobre o movimento ou para a organização de protestos,

enquanto na Tunísia, 94,29% dos entrevistados tiveram as redes sociais como principal fonte de informação durante os protestos. (FILHO e CARVALHO, 2013, p. 10).

Motivados pela Primavera Árabe, os espanhóis que desde 2008 vinham passando por diversos problemas sociais e políticos, reflexo da crise econômica mundial, realizaram um protesto encabeçado pelo movimento “Democracia Real Já”. Ocuparam diversas praças reivindicando maior participação da população nos espaços democráticos. Durante a ocupação o movimento criou uma conta no *twitter@AcampadaSol* e vídeos feitos com telefones celulares foram postados na internet, conectando os manifestantes em tempo real e motivando a ocupação de novos espaços em outras cidades.

O movimento se reconhecia sob o nome de —Indignados, por inspiração da obra —Indigne-se, do politólogo francês Stéphane Hessel, publicada no início do mesmo ano. Segundo Hessel, — as razões de se indignar podem parecer hoje menos claras, ou o mundo por demais complexo. Quem comanda, quem decide? Nem sempre é fácil distinguir todas as correntes que nos governam. Não temos mais uma pequena elite a qual se opor, e cujas ações compreendemos claramente. É um vasto mundo, e temos um forte sentimento de que é também interdependente” (2011, p. 14). Seu chamado claramente inspirou o movimento: “Quando alguma coisa o indigna como eu era indignado pelo nazismo, então nos tornamos militantes, fortes e engajados. Nos juntamos então ao curso da história, e o grande curso da história deve seguir graças a cada um de nós” (2011, p. 12). (FILHO e CARVALHO, 2013, p. 13).

O movimento de ocupação teve repercussão em diversos países e para Filho e Carvalho (2013) é uma atualização da crítica ao capitalismo. Os ativistas que aderiram ao movimento, conectados pela internet, mobilizaram uma ação conjunta, denominada “Global Change”, propondo um dia mundial de ocupação de praças. O chamado foi atendido e houveram protestos e ocupações em diversos países, como Portugal, EUA, Chile, Itália e Brasil.

É a primeira vez que uma “iniciativa cidadã” consegue organizar “de forma coordenada tantas manifestações em lugares diferentes e afastados”, disse o jornal El País, da Espanha. Sob slogans como “povos do mundo, levantem-se”, ou “sair à rua cria um novo mundo”, os “indignados” convocaram, no sábado, manifestações em 951 cidades. “Evidentemente, existe agora um movimento internacional”, confirmou o editorialista do Repubblica, Eugenio Scalfari.⁴

⁴Movimento de “indignados” consegue respaldo mundial. Site Viomundo, 16 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/movimento-de-indignados-consegue-respaldo-mundial.html>, Acesso em: 15 jun/2013.

Além de facilitar a comunicação, a internet apresenta-se como um meio de comunicação democrático. Facilita a reflexão ao possibilitar a contrainformação ao contrário de outros meios de comunicação como televisão e jornal que por vezes acabam sendo tendenciosos, defendendo interesses de grandes corporações ou tendências políticas, manipulando informações e os receptores destas. É comum encontrar cartazes e/ou faixas em manifestações e marchas trazendo mensagens do tipo “não deixe mídia pensar por você”, “a mídia mente”, “não penso, só assisto”. Ao mesmo tempo em que as TICs são aliadas na articulação de movimentos, elas também podem contribuir para sua desarticulação e criminalização.

Em 2013, o Brasil passou por uma “onda de protestos”, iniciada, com maior força, em Porto Alegre pela luta contra o aumento da passagem de ônibus.

Vale lembrar que nesta cidade existem raízes históricas de uma forte cultura de militância política e organização popular, sendo a cidade que sediou mais edições do FSM. Participou do movimento dos indignados, ocupando a Praça da Matriz na região central de Porto Alegre considerada o centro político do estado, em função de que em seu entorno estão localizados o Palácio Piratini, a sede do Poder Executivo Estadual; a Assembleia Legislativa, o Palácio do Ministério Público e o Palácio da Justiça. A ação denominou-se “Ocupa POA”.

Desta forma, no presente estudo pretendo refletir sobre os Movimentos Sociais como lugar de Educação não-formal, de aprendizado e prática de cidadania e direitos humanos em espaços não institucionalizados, tendo como foco o Bloco de Lutas pelo Transporte Público Porto Alegre.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O estudo dos Movimentos Sociais, inclusive como espaços de educação não formal, não é novidade. No entanto, esta pesquisa trata dos Movimentos mais recentes que se caracterizam pela elevada utilização de novas formas de comunicação e mobilização, sendo, por isso, inclusive chamados de “Novíssimos Movimentos Sociais”. Para que esta pesquisa possa contribuir para a problematização do paradigma sobre os Movimentos Sociais tradicionais, uma revisão dos estudos já realizados se fez necessária. Desta forma, realizei busca de produções a cerca do tema dessa pesquisa no período de 2000 a 2013 em três diferentes bases de dados .

O capítulo está dividido em três partes, uma para cada base de dados: 1. Produção de Teses e Dissertações a partir do Portal da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES; 2. Trabalhos apresentados na Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED e 3. Periódicos a partir do banco de dados do Scielo.

O portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES⁵, disponibiliza teses e dissertações defendidas a partir de 1987 que podem ser localizadas a partir da ferramenta de busca disponível no site. Desta forma, pesquisei no portal de teses e dissertações que continham as palavras “movimentos sociais e educação”. Onze trabalhos foram encontrados, sendo seis sobre movimentos sociais engajados na luta pelo direito a educação, três sobre educação no campo e MST, três sobre movimentos sociais, cidadania e educação popular e um sobre movimentos sociais e educação ambiental.

A dissertação intitulada “Universidade e movimentos sociais: espaços de educação e cidadania” defendido por Martins (2011) destaca o distanciamento entre os projetos de extensão da Universidade Estadual da Bahia e ações desenvolvidas por movimentos sociais em um mesmo território impactando negativamente no desenvolvimento da cidadania.

Fonseca (2011) defendeu a dissertação “Formação Sócio Política da Universidade Popular (Unipop): fundamentos e contribuições da Educação Popular na formação de lideranças sociais” que discute a contribuição da Unipop –

⁵CAPES é uma fundação do Ministério da Educação que tem por finalidade contribuir para a expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu no Brasil.

Universidade Popular, na ação e organização das lideranças sociais a partir do curso de formação sócio-política ofertado pela universidade. Fonseca (2011) avaliou que o curso, baseado em princípios éticos e emancipatórios contribui para ações das lideranças de forma mais organizada por meio da articulação de redes e participação em espaços de construção de políticas públicas como fóruns.

De forma geral, os trabalhos encontrados tratam da luta pelo direito à educação ou pela qualidade da mesma, seja no campo ou na cidade. Quando se trata de educação no campo destacam-se os trabalhos em que o campo empírico é o MST. De fato os estudos que tratam de cidadania e educação popular são os que mais se aproximam do meu projeto de pesquisa. No entanto, nenhum dos trabalhos trata dos Movimentos Sociais com suas vivências e experiências como espaço de aprendizado.

A partir dos descritores “movimentos sociais e mídias sociais” foram encontrados 32 registros. Metade dos trabalhos encontrados estavam mais relacionados à comunicação de forma geral sem relação com movimentos sociais. Dos outros dezesseis trabalhos, sete tratavam da influência da TV, jornal e cinema na sociedade; seis da utilização de mídias na comunicação dos movimentos sociais; quatro sobre a produção de vídeos e jornais em projetos sociais; e três relacionando mídia e consumo.

Abella (2012) na dissertação intitulada “O discurso dos tuiteiros: uma análise crítica da construção identitária coletiva e do empoderamento cidadão” destaca as mídias sociais como importante meio de produção e divulgação de informações que antes eram de propriedade exclusiva das mídias tradicionais (TV, rádio, jornal, etc). A autora cita como exemplo o movimento “Fora Mícarla” que tinha como objetivo o *impeachment* da prefeita de Natal/RN e defende que, mesmo não tendo atingido seu objetivo, este movimento contribuiu para uma mudança social colaborando para a construção de identidade coletiva de um grupo de jovens em busca de justiça social. O principal canal de expressão deste grupo foi o Twitter que possibilitou a rápida expansão da mobilização.

A internet também foi amplamente usada pelo movimento zapatista e seus simpatizantes, a visibilidade conquistada pelo movimento mexicano através de seus comunicados disponibilizados, traduzidos e debatidos na internet, segundo Rosa (2013), transformaram o movimento por meio da conquista desse novo território, a internet, pelo qual o movimento zapatista conquistou milhares de simpatizantes ao

redor do mundo. Este processo foi investigado, pela autora citada anteriormente, na pesquisa de mestrado “Os movimentos sociais conectados: a voz zapatista que ecoa na internet”.

A idéia de encontros e reuniões presenciais para organizar e discutir ações é problematizada na dissertação de Batista (2012) “Apropriações ativistas em sites de redes sociais: cartografia das ações coletivas no twitter”, onde o autor constata que a ampliação dos meios de comunicação possibilitou o aumento do poder de persuasão dos movimentos sociais, identificando a internet como uma tendência natural de potencialização de protestos e reconhecimento do ciberativismo.

No site da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED⁶ consultei trabalhos e pôsteres do GT 03 – Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educacionais, de 2000 a 2013, período disponível. Foram encontrados nove trabalhos que tratam de Movimentos Sociais e Educação, sendo que cinco tem como foco os movimentos sociais do campo. Os outros quatro abordam o engajamento da juventude nos movimentos sociais, movimentos sociais pelo direito à educação, movimentos sociais como espaço educativo e movimentos sociais na atualidade – revisão do paradigma.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST, referência e um dos mais relevantes quando se discute Movimentos Sociais, no Brasil é considerado o mais ativo e abrangente (MARTINS, 2012). Além da abrangência territorial do movimento, sua organização e luta suscitam várias áreas de conhecimento, sendo espaço de estudo da sociologia, ecologia, geografia, letras, direito e educação entre outras áreas do conhecimento. Desta forma a produção de trabalhos sobre o MST é numerosa e diversa. Além do MST outras organizações rurais como cooperativas e associações de agricultores familiares contribuem para o debate dos movimentos sociais rurais. A diversidade aumenta ainda mais quando falamos da Via Campesina, que é um movimento internacional que dá as diretrizes a movimentos de camponeses de vários países. Na busca realizada, os trabalhos encontrados relacionando movimentos e educação estavam mais voltados à educação formal, isto é, à educação escolar dentro de acampamentos e assentamentos. Contempla, igualmente o tema da luta pelo direito à educação.

⁶A ANPED é uma associação da sociedade civil sem fins lucrativos que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento da pós-graduação e da pesquisa em educação no Brasil. Fundada em 1976, a ANPED hoje se apresenta como espaço legítimo de debate sobre as questões políticas e científicas na área da educação.

O trabalho “Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo” de Ferrari (2003) discute a importância do movimento como lugar de luta por direitos; e após a epidemia da AIDS, como espaço educativo no sentido de educar seus integrantes na prevenção e tratamento da doença. A epidemia fez com que o movimento se organizasse ainda mais dedicando-se à educação não só para a prevenção do vírus HIV, mas também à construção de sujeitos mais responsáveis que contribuam para a mudança da visão estigmatizada da sociedade diante da homossexualidade. Este movimento assumiu, ainda, o debate sobre a política de identidade, não só homossexual, mas de todas as outras que se relacionam com a homossexual. Enfim, o movimento passou a lutar pela construção de uma política de gênero e sexualidade contra a marginalização dos homossexuais. No entanto, uma das dificuldades relatadas no trabalho é a falta de clareza sobre controle social. Segundo o autor o movimento gay se entende como espaço educativo porque suas campanhas de combate e prevenção não se limitam ao público gay, uma vez que toda a sociedade, independente da sexualidade, está sujeita ao vírus.

Já que o presente trabalho pretende pesquisar os “novíssimos Movimentos Sociais” que tem como uma das principais características a utilização das mídias sociais na comunicação, também busquei trabalhos no GT 16 da ANPED – Educação e Comunicação. Utilizei como referência os termos “mídia e educação” e “tecnologia da informação e comunicação e educação”.

Com o termo mídia e educação apareceram sete trabalhos tratando basicamente da influência da mídia na educação escolar, ou de como utilizar estas mídias de forma positiva em sala de aula.

Em se tratando das TICs, apareceram doze trabalhos que tratam da formação de professores para a utilização das mesmas.

Também foram encontrados dezessete trabalhos sobre Educação à distância, em diversas áreas.

De forma geral os trabalhos do GT Educação e comunicação estão mais voltados para a educação formal. No entanto, é importante destacar que, desde os anos 2000, há trabalhos preocupados com a influência das TICs na formação dos sujeitos, destacando os meios de comunicação de massa, como a televisão, e sua contribuição para a formação da opinião pública e do papel da escola frente a esta tecnologia de acesso facilitado à, praticamente, todas as camadas da sociedade.

Utilizando como filtro as palavras-chaves “Movimentos Sociais and Educação” foram encontradas 106 publicações no banco de dados do Scielo, destas 18 versam sobre Movimentos Sociais e Educação Campesina, MST ou Movimentos Rurais; 16 sobre Movimentos Sociais e Saúde, relacionados principalmente a formação de profissionais para a Estratégia de Saúde da Família; 14 publicações tratam da relação dos Movimentos Sociais e o direito a educação, EJA e pré-vestibular popular; 13 artigos estão relacionados a multiculturalismo (imigração, movimentos étnico-raciais, populações tradicionais, etc.) e inclusão de pessoas com deficiência; 11 trabalhos discutem os Movimentos Sociais enquanto construção de Políticas Públicas e Controle Social. Discutindo o paradigma dos Movimentos Sociais foram encontrados 7 artigos, assim como sobre Movimentos Sociais e Educação Ambiental. Na categoria educação do trabalhador (qualificação profissional, cooperativismo, associativismo e Economia Solidária) e também sobre os Movimentos Sociais como espaço educativo/formativo, existem 3 artigos; e 2 trabalhos sobre movimentos anti-globalização. É importante destacar que 12 trabalhos não contemplavam o filtro aplicado, ou seja, não abordavam a questão dos Movimentos Sociais e Educação.

Nessa busca foi possível visualizar a predominância da pesquisa em Movimentos Sociais mais tradicionais ou clássicos como o MST. O fato de as pesquisas em Educação e Saúde estarem utilizando a Educação Popular como concepção de educação coloca em diálogo esta categoria com os Movimentos Sociais e revela uma tendência das políticas de saúde.

A contribuição dos Movimentos Sociais para a garantia do direito à educação, assim como para a educação de jovens e adultos e cursinhos pré-vestibular populares, torna natural a quantidade de trabalhos encontrados ocupando o terceiro lugar em quantidade.

O multiculturalismo abarca uma grande variedade temática e, em sua maioria, também assume como princípio a Educação Popular. Entendo que o multiculturalismo trata basicamente do respeito à diversidade (cultural, étnica, de gênero e sexualidade, etc.). Então optei por incluir nesta categoria trabalhos sobre inclusão de pessoas com deficiência.

A quantidade de trabalhos encontrados abordando Movimentos Sociais, Construção de Políticas Públicas e Controle Social, retrata a tendência dos movimentos estarem inseridos nos espaços de participação institucionalizados como

Fóruns, Redes, Conselhos, característica da atuação dos Movimentos Sociais nas últimas três décadas⁷.

Sete artigos discutindo o paradigma dos Movimentos Sociais demonstram as mudanças da forma de atuação e a dinâmica de fluxo e refluxo, além da busca pela definição do papel dos movimentos em cada contexto social e político.

Movimentos Sociais relacionados às causas ambientais também foram uma tendência a partir dos anos 90, marcada pela Eco-92, justificando os sete artigos encontrados sobre Educação Ambiental.

Os Movimentos Antiglobalização, igualmente constituíram-se em tendência nos anos 2000, no entanto, surpreende a presença de apenas dois artigos, e que, possivelmente, não dialoguem com a questão da educação e o potencial educativo dos Movimentos Sociais. Apenas três artigos tratam de fato com essa questão objeto da pesquisa que proponho neste projeto, demonstrando a defasagem de estudos na área.

Os trabalhos aqui destacados revelam a histórica participação dos Movimentos Sociais na luta pelo direito a educação escolar (formal). Além disso, os estudos sobre a educação no/do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra também está bem difundida, no entanto expressam pouco sobre o aprendizado a partir da vivência de militância.

A utilização das TICs pelos Movimentos Sociais ainda foi pouco pesquisada e a maioria dos trabalhos estão sendo realizados no campo da comunicação social, dedicados ao alcance e disseminação dessas tecnologias sem contemplar seu potencial caráter educativo.

Diante da revisão realizada esta pesquisa tem relevância por se tratar do estudo de um movimento social urbano relativamente recente, que tem como importante característica a utilização das TICs para organizar, mobilizar e divulgar suas ações. Além disso, a pesquisa poderá contribuir para teoria dos movimentos sociais e educação.

⁷ A existência de espaços democráticos de construção de Políticas Públicas e controle social como Fóruns, Redes e Conselhos é uma conquista dos Movimentos Sociais.

2.1 Conjuntura Política local e global - Globalização x globalização alternativa x globalização contra-hegemônica

Milton Santos (2001), afirma que a globalização tem diferentes aspectos, classificando-a em globalização hegemônica e globalização contra-hegemônica.

Segundo o autor a globalização hegemônica está relacionada ao capitalismo caracterizado pelas relações de dominação. O capitalismo hegemônico lançou suas bases iniciais desde o século XV, com o colonialismo, e atualmente vivemos o clímax deste processo. A confluência de tempo e espaço do capitalismo hegemônico evidencia suas contradições tensões e conflitos que sempre existiram entre globalizadores e globalizados.

Outra característica da globalização hegemônica é a assimetria de poder não só no campo econômico como também no político e cultural que hoje se manifesta de formas diferentes das do período colonial. Para Santos (2001) o colonialismo é fundador da globalização perversa e considera que desde sua fundação até os dias de hoje, uma das principais características da globalização é o processo de exclusão.

Esta característica presente há mais de 513 anos no Brasil nos permite hoje identificar os problemas de inclusão e exclusão e de como organizar a luta para combater este processo através de ações emancipatórias. Estas ações o autor chama de globalização contra-hegemônica citando as manifestações ocorridas no país em 2000 quando os 500 anos de chegada dos portugueses ao Brasil eram comemorados como “500 anos do descobrimento do Brasil” e caracteriza a luta emancipatória:

É uma luta que tem que ser transversal aos diferentes grupos e interesses, uma vez que as formas de opressão são várias, mas todas elas se conjugam numa forma de subordinação que, mesmo tendo várias faces, cria as mesmas formas de exclusão simultaneamente. (SANTOS, 2001, p.17).

A articulação da luta tem sentido local-global e as mídias de massa contribuem para a promoção destes grupos possibilitando a construção de redes e alianças entre eles. Além das manifestações de maior repercussão como as de Seattle, Praga e Montreal, as iniciativas locais articuladas na identificação de problemas e construção de agendas de lutas também são ações de globalização

contra-hegemônica, pois ao se relacionar com diferentes grupos de diferentes lugares globalizam, mas de uma forma diferente da lógica do capital, seguindo ao contrário, uma lógica emancipatória, sem relações de dependência. Uma lógica não capitalista pode ser considerada uma alternativa à globalização hegemônica.

Zizek (2012) classifica 2011 como “O ano que sonhamos perigosamente”, pois foi o ano em que houve sonhos de emancipação que mobilizaram manifestantes em todo o mundo, como citado anteriormente. Mas também houve sonhos destrutivos que impulsionaram ideologias populistas e destaca o papel negativo da mídia, no sentido de negar o potencial emancipatório do movimento e encobrindo sua ameaça à democracia.

Segundo Milton Santos (2001) as novas técnicas (meios de comunicação) tornam o mundo mais unificado, constituindo uma base sólida para ações mundializadas. Contudo, os benefícios de um mundo globalizado é desfrutado por poucos, por isso o autor considera a globalização perversa, destacando duas perspectivas: a econômica e a da informação.

2.2 O Foco da Pesquisa

Em novembro de 2011 os ativistas do “Ocupa POA” e outros movimentos, organizaram, também via mídias sociais, a ocupação do Largo Glênio Peres, na área central da cidade de Porto Alegre. Este espaço histórico de manifestações políticas em 2010 foi “adotado” por uma famosa marca de refrigerantes patrocinadora da copa do mundo, evento este que Porto Alegre também sediou. Os protagonistas do referido movimento passaram a ocupar o espaço programando atividades culturais e de lazer uma vez por semana, denominando a atividade de “Defesa Pública da Alegria”. No entanto, a empresa “adotante” foi realizando “reformas” no espaço e em setembro 2012 instalou no Largo um boneco inflável, mascote da copa do mundo. O tatu inflável foi instalado pela indústria de refrigerantes patrocinadora da copa mundial de futebol em diversas capitais do país. Mas no dia 4 de outubro de 2012, houve uma manifestação do movimento “Defesa Pública da Alegria”, assim convocada via facebook:

Estão nos acostumando ao silêncio obrigatório, à onipresença das sirenes, à venda criminosa dos nossos maiores patrimônios públicos. Estão nos acostumando a uma cidade e uma sociedade cinzentas, a um desgoverno

municipal que não ouve, impõe, reprime: a população se mobiliza e sua voz cresce, chama atenção para suas reivindicações, mas estas são reduzidas a caso de polícia. Chegou-se ao cúmulo de uma secretaria como a SMIC hoje ser sinônimo de repressão e não de gestão. Estão nos acostumando a uma sensação de impotência que pesa toneladas.

Porto (ex-)Alegre se tornou uma cidade que arranca as pessoas de suas casas em nome de um campeonato de futebol, que esvazia de gente as ruas e praças, que persegue a música e qualquer forma de arte nas ruas e nos bares, que mutila parques e impõe um viaduto na beira do Guaíba - sabia? - em nome da falida cultura do carro, que abandona o transporte público e a bicicleta e orgulha-se de sua ciclovia de 400 metros.

Nossa resposta será na cara do prefeito. Independente de afinidades partidárias, na próxima quinta-feira, 4 de outubro, semana da eleição, vamos mostrar o repúdio da cidade às políticas do governo Fortunati. Sem perder a ternura. Nosso palco e arena é a Praça Montevideu, em frente à Prefeitura. A concentração é a partir das 16h com diversas atividades que seguem noite adentro. Levemos amigos, faixas ou materiais para fazê-las, canecas, instrumentos musicais pro festerê. E nossa alegria como uma bandeira, como um direito. (Evento criado no facebook)⁸

Infelizmente o desfecho deste evento foi violento, considerado pelos integrantes do movimento como uma truculência. A polícia posicionou-se ao redor do boneco inflável reprimindo qualquer movimento em direção ao mesmo. O boneco acabou sendo desinflado e houve um confronto entre manifestantes, policiais e guarda municipal ferindo dezenas de pessoas. A ação gerou polêmica no país inteiro conquistando aliados e inimigos.

Após o caso em Porto Alegre, outras capitais como Rio de Janeiro e Brasília, realizaram “ataques” ao mascote inflável.

As manifestações contra o aumento da passagem de ônibus foram também articuladas pelo facebook no início de 2013 e passaram a acontecer semanalmente. A manifestação do dia 27 de março de 2013 acabou em embate entre manifestantes e policiais e, igualmente, repercutiu nacionalmente, dividindo opiniões. Apesar deste fato o Ministério Público concedeu liminar ordenando que a Prefeitura Municipal de Porto Alegre não aumentasse a tarifa da passagem até que os contratos de licitação de transporte público fossem revistos. Assim a tarifa retornou ao preço anterior. Apesar disso, as manifestações continuaram, ganharam mais ativistas e atos foram realizadas em diversas cidades do país, reunindo milhares de pessoas.

Segundo Melucci (1997), estas manifestações podem ser reconhecidas como ações coletivas do tipo antagonista que por sua existência e forma de organização e expressão transmite uma mensagem para o resto da sociedade, afetando

⁸ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=288497347930998&set=a.288497344597665.65677.287954237985309&type=1&theater>. Acesso em: 13 dez. 2014.

instituições políticas através de conflitos que colocam em pauta suas demandas. Outra característica é a participação de coletivos informais, sem nenhuma ou pouca institucionalidade, que lutam por mudanças sociais, por reconhecimento como grupos anarquistas e outros coletivos urbanos (SCHERER-WARREN, 2006). Melucci (1997) afirma que quando a ação coletiva se refere a significados que desafiam o sistema dominante podemos chamá-la de Movimento ou ainda de redes de conflitos que são formas de produção cultural.

As redes de comunidades virtuais identitárias são a forma que os múltiplos atores específicos dos novos movimentos sociais têm encontrado para marcar sua presença e dar continuidade ao movimento no cenário globalizado. Estas comunidades são mais virtuais, baseadas em intercâmbios solidários, do que formas de organizações coletivas centralizadas, e como exemplo temos as múltiplas redes que se encontram no espaço cibernético. (SCHERER-WARREN, 2003, p. 33).

A autora reconhece estas ações como movimento social, e destaca dois tipos de ações coletivas de resistência à dominação na globalização: as manifestações simbólicas de massa e as redes de comunidades virtuais identitárias.

Durante as manifestações contra o aumento da passagem várias outras pautas de reivindicações vieram à tona somando-se à característica antagonista do movimento. Os governantes desacomodaram-se e votaram alguns projetos que respondiam a algumas demandas, entre elas, a viabilidade de um plebiscito para a reforma política proposto pela Presidente da República, este fato reafirma a identidade de Movimento Social á estas ações, pois .caracteriza as ações como conduta reivindicatória e política, conforme classifica Merlucci (2011)

Durante as manifestações surgiram cartazes dizendo: “o gigante acordou” -, fazendo inferência ao hino brasileiro. De fato, a maior parte dos manifestantes estavam reclusos em seu individualismo, adormecidos, e agora perplexos. Mas uma pequena parte, a que iniciou os protestos, a base dos movimentos, como o Passe Livre em São Paulo e o Bloco de Lutas pelo Transporte Público em Porto Alegre, estiveram em permanente vigilância. Acordado há mais tempo, mantinham ações permanentes frente ao modelo capitalista opressor e excludente. Para o “gigante” que acabava de acordar era necessária uma ação educativa que orientasse ou desse subsídio para que construísse respostas fortes, politizadas e propositivas, evitando que se tornassem massa de manobra das grandes mídias ou presas fáceis para movimentos de extrema direita fascistas e nazi-fascistas. Pois, estes sob um

olhar inocente e despolitizado de quem acabava de despertar e sair da perplexidade, sedentos por respostas fortes, poderiam tornar-se uma fonte que suprisse suas necessidades.

Pra não dizer que não falamos dos espinhos, ter os povos nas ruas, em massa, não é sempre sinal de mudança popular. Em 1964, os setores conservadores da sociedade tremeram com a “ameaça comunista” (ainda com Jango no poder), que representava, na verdade, uma “ameaça” à propriedade privada e foram às ruas, em meio milhão de pessoas, com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Dias depois, instaurada a Ditadura Militar, um milhão de pessoas marcaram presença na Marcha da Vitória, comemorando o início de duas das piores décadas que já vivemos. Estamos preocupados com o rumo que esse levante popular pode tomar e com a associação dele a um discurso midiático vazio. (PETRONI e LESSA, 2013).

Para que fatos como o de 1964 não se repitam, mesmo que o contexto atual não seja de um regime de ditadura militar, o movimento Bloco de Lutas tem utilizado a internet para mobilizar os ativistas a participar de aulas públicas, a exemplo do Movimento dos Indignados na Espanha, e assembleias horizontais em espaços públicos, a fim de situar os recém-despertados. O movimento também adotou uma postura de não dar entrevista nas grandes mídias, alegando que estas vêm contribuindo para a criminalização do movimento e manipulando a população exaltando um, tendencioso, patriotismo. Postura essa que o movimento se opõe, dizendo não ter pátria. A luta é por direitos humanos, direito de ir e vir: “o orgulho de ser humano acima de tudo”.

Em 10 de julho de 2013, o Bloco de Lutas pelo transporte público ocupou a Câmara de Vereadores de Porto Alegre reivindicando o passe livre para estudantes e desempregados e a abertura das contas das empresas que administram o transporte. Foi uma ação de repúdio contra o que ocorrera no dia 1º de julho, quando os vereadores rejeitaram, em votação, as emendas pela transparência nas contas do transporte público. A ocupação iniciou com 50 pessoas e, após difícil negociação com o Presidente da Câmara, os portões foram abertos e cerca de 200 militantes de diferentes coletivos, partidos e organizações, juntaram-se ao grupo, com faixas e bandeiras. A primeira barraca foi montada e, em assembleia, o Bloco de Lutas decidiu aceitar a permanência do grupo que iniciou a ocupação.

Terminou pouco antes da meia-noite desta quarta-feira (10) a assembleia que o Bloco de Lutas pelo Transporte Público realizou na Câmara Municipal

de Porto Alegre – que está sob ocupação dos manifestantes desde às 17h40min do mesmo dia.

Ao todo, mais de 200 pessoas participaram da reunião. Somente a identificação individual de cada uma delas levou cerca de 45 minutos. Pelo menos 30 pessoas se inscreveram para fazer uso da palavra, durante dois minutos cada uma.

Diversas pautas e estratégias foram debatidas no encontro. Prioritariamente, os manifestantes decidiram manter a ocupação por tempo indeterminado, até que os vereadores atendam pelo menos duas pautas imediatas do movimento: a aprovação de um passe livre municipal – mediante a modificação da taxa de lucro das empresas, sem isenção de impostos – e a abertura das contas das companhias privadas que operam o setor em Porto Alegre. (SUL 21, [http://www.sul21.com.br/jornal/manifestantes-decidem-permanecer-por-tempo-indeterminado-na-camara-de-porto-alegre/.](http://www.sul21.com.br/jornal/manifestantes-decidem-permanecer-por-tempo-indeterminado-na-camara-de-porto-alegre/))

Os manifestantes se distribuíram em grupos de trabalho (GTs) para melhor organização da ocupação. Tinha GT comunicação, GT alimentação, GT cultura, GT limpeza, GT segurança, GT educação. A ocupação durou oito dias. Os militantes saíram após protocolar um projeto de lei que garante a abertura das planilhas de custos das empresas de ônibus de Porto Alegre.

Na manhã desta quinta-feira, 18/09/13, o Bloco de Luta protocolou na Câmara de Vereadores o Projeto de Lei que garante a abertura das planilhas de custos das empresas de ônibus de Porto Alegre, e desocupou o local. Antes mesmo das 9h, horário acordado para a saída dos manifestantes, a Casa já havia sido limpa e organizada pelo grupo, que aguardava a chegada do Oficial de Justiça e da juíza. As 9h eles deixaram o interior do prédio, restando no plenário apenas alguns cartazes. Um deles afirmava: “Essa casa é do povo! Voltaremos! (Catarse Coletivo de Comunicação, acesso em: 16 set. 2013)

Com o refluxo ou esgotamento de modelos de Movimentos Sociais Urbanos tradicionais, as manifestações de junho e julho de 2013 reavivam a esperança de um outro mundo possível, e de que vale a pena lutar por mudanças na estrutura política do país. De acordo com os participantes, resta lutar para que as vozes não se calem, mantendo o “gigante” acordado e alimentando a busca por repostas fortes.

Os Movimentos Sociais tem ressurgido de cara nova em um mundo novo onde a conjuntura social, política, econômica, cultural e tecnológica era outra. Segundo Gohn (2012), os movimentos sociais estão mais fragmentados, menos articulados com sindicatos e pastorais e as mídias sociais favorecem essas mobilizações e articulações transnacionais. Ao mesmo tempo, estes movimentos mantêm práticas antigas como as marchas, por exemplo.

2.3 Justificativa, Relevância e Objetivos da Pesquisa

Ao iniciar os estudos sobre Movimentos Sociais deparei-me com um quadro um tanto desanimador, pois os movimentos urbanos, os quais me despertavam mais interesse, estavam esvaziados, desarticulados ou institucionalizados, em período denominado por Gohn (2012) “crise dos Movimentos Sociais”. Com as manifestações de junho e julho de 2013, viu-se o ressurgimento de movimentos sociais que se diziam não atrelados a partidos políticos ou outras instituições. Muitas vezes questionada sobre a legitimidade das ações ocorridas nestas movimentações, visto que não podiam ser facilmente reconhecidas as características clássicas⁹ dos MS naquelas manifestações. Pelo fato de não haver bandeiras partidárias ou líderes tradicionais, por exemplo, ou ainda pela utilização das mídias sociais como meio de divulgação ds ações.

Em que medida estas manifestações podem ser reconhecidas como um tipo de Movimento Social com potencial transformador da realidade? Verificou-se que as manifestações geraram mudanças políticas, sociais e educativas, oportunizando lições de cidadania e pautando questões de direitos humanos.

Acreditando no potencial educativo deste movimento, proponho investigar sobre os aprendizados que as manifestações de junho e julho de 2013, organizadas pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público de Porto Alegre, proporcionaram aos seus militantes. Quais os saberes que estes traziam em sua bagagem de lutas que contribuíram para as manifestações?

Porto Alegre, como citado anteriormente, tem tradição em lutas por justiça social. E uma das motivações do estudo proposta tem a ver com a minha relação afetiva com a cidade. Como porto-alegrense, sinto muito orgulho da cidade onde nasci e cresci ouvindo histórias contadas pela minha vó – também portoalegrense. Falava-me sobre como era a cidade no tempo dos bondes, que o lago Guaíba ia até a rua da Praia – hoje chamada rua dos Andradas - dos passeios de charrete, idas ao mercado público e finais de semana em Ipanema. Enfim, tenho uma ligação afetiva forte com a cidade. Já na adolescência sempre usufruí dos espaços de lazer da cidade como a Redenção (Parque Farroupilha), Usina do Gasômetro, Parque Marinha do Brasil entre outros. Já na juventude, passei a freqüentar shows em

⁹ Sindicatos e /ou partidos políticos coordenando o movimento e liderança centralizada, por exemplo.

espaços como o auditório Araújo Viana e Anfiteatro pôr-do-sol, além dos que aconteciam em praças e parques.

Meu sentimento de pertencimento em relação a cidade de Porto Alegre é indiscutível. Por isso, mesmo não morando mais na cidade há mais de cinco anos, sinto-me parte dela. E desde as primeiras manifestações que eram contra a privatização de espaços públicos e os despejos motivados pelas obras para realização da copa do mundo, identifiquei-me com a luta. Há tempos insatisfeita com a gestão administrativa de Porto Alegre, descrente na democracia representativa e não me sentindo representada por nenhum partido político sentia que mudanças nessa estrutura são urgentes. Eduardo Galeano, em entrevista enquanto visitava a ocupação na Praça Catalunya, em 2011, disse:

Vivemos em um mundo infame, não incentivador, um mundo mal nascido. Mas existe outro mundo na barriga deste mundo, que é um mundo diferente, de parto complicado, não é fácil o nascimento. Mas com certeza pulsa no mundo que estamos. Que eu reconheço nessas manifestações espontâneas. (GALEANO en la #acampadaBCN, 2011, <https://www.youtube.com/watch?v=aVQPvBwgUUg>).

Ao tomar conhecimento da organização das manifestações de junho e julho de 2013, em Porto Alegre, e da proporção que ela tomou em todo país, tive a sensação que a mudança estaria sendo novamente colocada como possibilidade, iniciando com a mudança dos modo de organização e ação dos próprios movimentos sociais, com as características que já citei anteriormente.

Para além das minhas motivações afetivas e ideológicas, proponho, como pesquisadora, contribuir na construção de um conhecimento coletivo por meio da reflexão sobre a prática das mobilizações ocorridas. Penso que este trabalho de pesquisa poderá contribuir para refletir sobre o potencial educativo deste tipo de movimento, bem como sistematizar a história deste importante momento pelo qual o país passou em 2013, podendo inclusive contribuir para a renovação da teoria dos Movimentos Sociais. Na mesma entrevista citada anteriormente, Galeano diz que quando perguntado sobre o que iria acontecer depois do movimento Occupy, ele respondeu:

Nada, não sei o que vai acontecer. E também não me importa o que vai acontecer! Me importa o que está acontecendo. Me importa o tempo que é. E o que é, é o tempo que se anuncia sobre outro tempo possível que acontecerá. (GALEANO en la #acampadaBCN, 2011, <https://www.youtube.com/watch?v=aVQPvBwgUUg>)

Qual é o saldo deste conjunto de mobilizações em termos de aprendizados e reivindicações da sociedade organizada?

Esta história contada a partir da experiência dos militantes, como o aprendizado desta luta pretende contribuir para o avanço da teoria e pedagogia dos Movimentos Sociais. A contribuição das mídias sociais, característica importante destas ações, também precisa ser avaliada e seu papel, alcance e riscos discutidos como meio de comunicação e mobilização dos movimentos.

Ilse Scherer-Warren (2006), afirma que explicações ou paradigmas sobre os Movimentos Sociais necessitam ser atualizados e revistos diante do novo cenário social e atores políticos, cenário este que tem repercutido na construção de uma visão contemporânea dos Movimentos Sociais. Gohn e Bringel (2012, p. 25) destacam o debate no campo de estudos dos movimentos sociais como sendo espaço de construção de conhecimento, reforçando “a descolonização do saber e do poder, para pensar os movimentos sociais desde um pensamento fronteiro”.

Desta forma, no presente estudo pretendo refletir sobre os Movimentos Sociais como lugar de Educação não-formal, de aprendizado e prática de cidadania e direitos humanos em espaços não institucionalizados, tendo como foco o Bloco de Lutas pelo Transporte Público Porto Alegre.

Assim proponho como questão de pesquisa: Quais as mediações pedagógicas oportunizadas no processo das mobilizações protagonizadas pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público Porto Alegre?

- a) Objetivo Geral: Compreender as dimensões educativas nos processos das ações coletivas estimulados pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público Porto Alegre.
- b) Objetivos Específicos:
 - compreender as dimensões educativas no movimento Bloco de Lutas pelo público;
 - identificar o perfil dos militantes do Bloco de Lutas pelo Transporte público
 - identificar e refletir sobre contribuições e limites da utilização das mídias sociais pelo movimento;

3 MÉTODO

Neste capítulo apresento os caminhos investigativos percorridos para elaboração desta dissertação. A metodologia escolhida para esta pesquisa foi a sistematização de experiências, esta escolha foi muito influenciada pela minha trajetória como educadora popular, pois esta metodologia trata-se de um forma de pesquisa participante que possibilita a participação plena dos sujeitos na análise de sua própria realidade com o objetivo de refletir sobre suas ações, as contribuições dessas ações para a mudança da realidade levando a encaminhamentos que qualifiquem ações futuras. Em minhas vivências como educadora popular sempre valorizei os momentos de avaliação das ações tendo em vista o aprimoramento das próximas ações e da própria equipe, no entanto, momentos de avaliação e reflexão acabam não acontecendo ou são realizados de forma superficial, muitas vezes devido a dinâmica das instituições ou ainda, a falta de tempo dos integrantes que por vezes tem outros compromissos.

O Bloco de Lutas pelo Transporte Público Porto Alegre é composto por uma série de coletivos, movimentos sociais, partidos políticos e pessoas independentes, dessa forma, reunir o Bloco de Lutas para realizar a sistematização foi um desafio.

Este capítulo está dividido em dois sub-capítulos, no primeiro justificando e contextualizando a metodologia de sistematização de experiências e no segundo descrevo o caminho metodológico percorrido.

3.1 A sistematização de Experiências como Metodologia

As manifestações ocorridas em 2013 são parte da história do país e podem contribuir para a teoria dos movimentos sociais. A onda de protestos é um processo sócio-histórico de experiência coletiva, segundo Holliday (2012) as experiências abrangem um conjunto de dimensões objetivas e subjetivas da realidade histórico-social, por exemplo: contexto (social, econômico, político) em nível local, regional, nacional ou mundial; situações específicas, institucionais, grupais, pessoais, algumas circunstâncias que dão dimensões próprias a experiência; a experiência sempre estará composta por um grupo de ações intencionais ou espontâneas, planejadas ou imprevistas; as percepções, sensações, emoções e interpretações dos protagonistas da experiência estão contidas na experiência coletiva; as

experiências geram reações nas pessoas que deve refletir em processo de mudança; e por fim a experiência gera e constrói relações interpessoais entre as pessoas que a vivenciaram.

Todos os fatores objetivos e subjetivos compõem a experiência, por se tratar de um processo vivencial, sendo espaço de construção e produção de saber. Neste sentido, a metodologia escolhida para esta pesquisa é a Sistematização de Experiências, pois esta propõe a penetração na trama da experiência, recriando seus saberes a partir de uma reflexão crítica sobre a teorização da experiência

Concebida da maneira que propomos, a sistematização situa-se no caminho intermediário entre a descrição e a teoria, um terreno no qual temos pouco costume de transitar. A tendência a contar anedoticamente experiências vividas, a encaixar processos originais em esquemas rígidos pré-estabelecidos ou a jogar discursos abstratos com o pretexto de alguma referência a experiências de campo. Atenta contra o modo de pensar dinâmico, rigoroso, processual, crítico e criativo que é indispensável para realmente “sistematizar”. (HOLLIDAY, 2006).

A sistematização de experiência possibilita a reflexão, análise e interpretação crítica do processo vivido para que o aprendizado possa ser extraído e compartilhado da prática em questão. Além disso, esta metodologia contribui para a melhor compreensão da prática com uma visão mais estratégica e transformadora, possibilita o intercâmbio de aprendizagens, ao contribuir para a reflexão da prática, supera o descritivo e narrativo e construindo conceitos comuns, dialoga com a teoria. Esta reflexão crítica pode contribuir para a construção de políticas públicas que partem de aprendizagens obtidas de situações reais e todo esse processo possibilita o fortalecimento da identidade coletiva e o diálogo entre os diferentes.

Para Streck & Adams (2014) a sistematização de experiências é uma metodologia de cunho participativo e emancipatório sustentada pelos mesmos princípios da pesquisa participante como a importância da memória coletiva, visão complexa dos fenômenos sociais e valorização de diversos olhares e linguagens sobre uma mesma realidade.

A sistematização surgiu no contexto Latino-Americano na década de 1960 partir das necessidades originadas no campo de intervenções do Serviço Social que demandava a elaboração de um conceito ou mesmo uma modalidade de investigação social que pudesse recuperar o realizado e ordenar as formas de agir

e os saberes produzidos na ação, ainda que as intervenções nesse momento estivessem caracterizadas numa forma conservadora (SANCHES, 2011, p. 44).

Para Cecília Diaz Flores, a atual diretora executiva do Centro de Estudos e Publicações Alforja16 na Costa Rica, a “sistematização significativa” consiste num processo investigativo e pedagógico que integra diferentes saberes e ciências, com o propósito de fomentar a construção do conhecimento “autônomo e comprometido” com a transformação cotidiana de “pensamentos, estruturas e subjetividades”. Para tanto, elabora ferramentas e fundamentos que inter-relacionam, de forma criativa, o paradigma da construção de conhecimentos e a recuperação das aprendizagens gestadas nos processos de reflexão, desencadeados a partir das experiências sistematizadas. (SANCHES, 2011, p. 51).

Para Holliday (2012) a troca e partilha de aprendizagem entre experiências similares é a utilidade mais importante da sistematização. O intercâmbio de aprendizagens deve servir de inspiração ou advertência para outras práticas semelhantes, a partir dele a prática pode ser redimensionada a fim de evitar a repetição de erros. A partir dessa concepção é possível refletir sobre a teoria e gerar novos conhecimentos

Os principais protagonistas da sistematização são as pessoas que vivenciaram a experiência, os valores e saberes cotidianos das pessoas que participam de um processo de sistematização são colocados em destaque nesta metodologia. No entanto, pode haver um auxílio externo, como o de um pesquisador, mediador do processo. Ao problematizar a experiência, a sistematização possibilita um distanciamento da prática para refletir sobre ela, identifica as tensões entre projeto e processo.

A sistematização de experiências permite a utilização de várias técnicas para a produção de informação, as mais apropriadas são as com concepção participativas e qualitativas como a entrevista, história de vida, observação participante e até mesmo documentos (atas, boletins, relatórios) que possam gerar reflexão e debate.

3.2 O caminho metodológico percorrido

Primeiramente foi enviado um formulário eletrônico (APÊNDICE A) via e-mail socializando a proposta da pesquisa sondando disponibilidade para participação da mesma e com perguntas para a construção de um diagnóstico sobre o perfil dos

militantes O instrumento pode ainda atingir um número maior de pessoas se lançado no grupo do Bloco de Lutas no Facebook

O formulário foi encaminhado para vinte pessoas, dessas, apenas oito responderam e sete aceitaram participar da sistematização. É importante lembrar que em se tratando de um processo de sistematização de experiências os olhares externos, ao processo vivenciado também são importante para a reflexão, podendo ser utilizadas grafos produzidos através do twitter e do facebook

Um dos participantes destacou no campo observações, que muitos dos participantes das manifestações não se consideram militantes do Bloco de Lutas, mas sim de outros coletivos que compõe o bloco ou ainda, simplesmente não se considera militante:

“Entendo que há um "porém" na pesquisa. Me explico... Você está chamando "militantes do Bloco de Luta", mas o que são esses "militantes"? São as pessoas que participam das assembleias e constroem o Bloco, ou as pessoas que participam dos atos e se consideram do bloco? Isso é importante, porque no meu caso, por exemplo, participei das assembleias do Bloco até a metade de 2013, mas não me considero militante 'do' Bloco, mas sim um militante social, pelas causas que considero justas. Penso que você vai ter dificuldade de encontrar pessoas que se posicionem como "militantes DO Bloco de Lutas". Enfim... Tentando ajudar, apenas...”

Esta metodologia propõe seis tempos (passos), que não tem a intenção de ser um receituário rígido, podendo ser adaptado as diferentes realidades. Os passos propostos são:

a) Ponto de partida o quê? – experiência vivida

Manifestações de junho de 2013 e o potencial educativo do Movimento Bloco de Lutas pelo Transporte Público

b) Perguntas iniciais – Plano de sistematização.

b1) Para quê queremos sistematizar? Para ter uma memória, a história da experiência, pensar e comprovar os aprendizados da experiência, conhecer a eficiência ou deficiência da prática

b2) Que experiências queremos sistematizar? As manifestações de junho de 2013, protagonizadas pelo Bloco de Lutas

b3) Aspectos centrais, eixos da sistematização – O aprendizado que a experiência trouxe para os militantes

b4) que fontes de informações temos? Sites, jornais, fotografias, facebbok

- b5) que procedimentos vamos adotar e em que momento? Formulários online, e-mail, entrevistas individuais e encontros presenciais conforme o cronograma a ser definido com o grupo
- c) Recuperação do processo vivido – organização das informações
 - c1) Reconstrução da história da experiência: Linha do tempo
 - c2) Ordenar e classificar as informações do grupo e cruzar com informações do contexto local, nacional e mundial
- d) Análise e interpretação crítica;
- e) Pontos de chegada – aprendizagens e recomendações, propostas e ações transformadores
 - e1) formular conclusões
 - e2) Definir estratégias para comunicar as aprendizagens e as projeções
- f) Produtos da sistematização – material de divulgação, organização de debates, seminários que garantam as ações transformadoras e possam contribuir na construção de políticas públicas.

Acredito que os passos “a” até o “b4” já foram esclarecidos nos capítulos anteriores, assim parto para o passo “b5” sobre os procedimentos adotados e em que momento, mas ressalto que a sistematização de experiências não foi pensada para a Academia como uma metodologia científica, desta forma, por vezes se faz necessário adaptar a metodologia para a realidade da pesquisa.

3.2.1 Entrevistas individuais

Toda prática social, todo grupo tem diferentes sujeitos envolvidos, uns direta, outros indiretamente, mas todos ajudam a construir a experiência e desempenham papéis, ora mais, ora menos definidos. É importante contar com os diferentes olhares e acúmulos para auxiliar nosso pensar coletivo. (CUT, 2000, p.11).

Em um processo de sistematização é importante resgatar o olhar dos distintos sujeitos envolvidos na experiência, a partir desse objetivo iniciei esse resgate através de entrevistas individuais.

Das sete pessoas que haviam se disponibilizado a participar da pesquisa, entrevistei individualmente apenas três, devido a dificuldade de agenda, no entanto solicitei indicação de outras pessoas aos entrevistados. A condição para participar

da entrevista individual era ter participado da experiência, ou seja, de pelo menos uma manifestação do Bloco de Lutas.

Elaborei um plano de entrevistas semi-estruturada¹⁰ (APÊNDICE C) que foi registrada em áudio e posteriormente foi transcrita. O plano de entrevistas foi elaborado com base nos objetivos da pesquisa estruturada em quatro dimensões.

A primeira dimensão foca na situação inicial dos sujeitos, anterior ao Bloco, questionando sobre a atuação dos sujeitos antes do Bloco de Lutas, como tomou conhecimento do bloco, como desenvolveu a sensibilidade para questões sociais e o que motivou a participação no bloco.

A segundo sobre a vivência no Bloco de Lutas, em que momento se deu o primeiro contato, como se dava a troca de informações sobre ações e pautas, como contribui para as ações, se participou de algum momento de formação promovido pelo Bloco;

A terceira convidou a refletir sobre a situação final, o que o sujeito aprendeu nas vivências com o Bloco e como avalia as ações do mesmo em relação aos objetivos iniciais;

E a quarta provoca a identificar lições aprendidas, o que poderia ter sido feito de forma diferente para que o objetivo do bloco fosse atingido com mais efetividade.

3.2.2 Netnografia

Como já foi abordado anteriormente nesse trabalho, o uso das mídias sociais é uma característica dos novíssimos Movimentos Sociais e inclusive do Bloco de Lutas Porto Alegre que possui um grupo no facebook com mais de doze mil participantes.

Segundo Angrosino (2009, p.30), etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, suas relações interpessoais, suas produções e suas crenças. Para Baztán (1995, p.30), “etnografia é o estudo descritivo da cultura de uma comunidade, ou de algum de seus aspectos fundamentais, sobre a perspectiva de compreensão global da mesma”.

A netnografia (net + etnografia) é uma metodologia recente que se dedica a analisar conteúdos disponibilizados na internet. Kozinets (2010) afirma que a

¹⁰ Entrevista com roteiro previamente elaborado

metodologia popularizou-se em pesquisas de marketing e em comunidades de compras online. O autor ainda defende o uso do termo para diferenciar a nova metodologia da etnografia, segundo ele, a netnografia é adaptada ao ambiente digital desde a coleta de dados até a análise.

Segundo Amaral, Natal e Viana (2008, p. 35), a etnografia virtual pesquisa “os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais”. Segue abaixo tabela de terminologias referentes à etnografia nos meios digitais organizada pelo autor.

Tabela 1 – Outras terminologias

Tabela 1			
OUTRAS TERMINOLOGIAS			
	Etnografia digital	Webnografia	Ciberantropologia
Definições e tipo de pesquisa	Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo e também atraia um público não acadêmico.	Alguns autores o utilizam relacionado à pesquisa aplicada de <i>marketing</i> na Internet, enfatizando as métricas e audiências, principalmente em ambientes de discussão. Para Dann e Forrest (1999), <i>"Webnography describes the combination of techniques associated with content analysis, an ethnographic research to analyze 'interest clusters' that have formed in the USENET and Web thread environments"</i> . Outros compreendem o termo como o método não restrito a etnógrafos, mas aberto a pesquisadores interessados nos complexos aspectos sociais, culturais e psicológicos relacionados com e através da Internet. (Ryan, 2008).	Estudo dos humanos nos ambientes conectados. Baseia-se nos conceitos da antropologia ciborgue de Haraway (1991) para examinar a reconstrução tecnológica do homem e preparar o etnógrafo para lidar com uma categoria mais ampla de "ser humano".
Pesquisadores	Grupo da Kansas State University coordenado por Michael Wesch	Segundo a "Webnographers Wiki", <i>wiki</i> mantida por pesquisadores norte-americanos, projetos como o Digital Youth ² e The Facebook Project ³ , etc. podem ser enquadrados nesse tipo de proposta.	Donna Haraway (1991, 1996), Arturo Escobar (1994) e David Hakken (1999) são referências fundadoras, no entanto, alguns autores, como John Postill, defendem o uso do substituto à "etnografia" ou "etnografia virtual".
Sites de referência	http://mediatedcultures.net/ksudigg/	http://www.webnographers.org/index.php?title=Main_Page	
Outras observações	O grupo popularizou suas ações através do premiado vídeo <i>The Machine Is Us/Ing Us</i> ⁴ postado no YouTube.	Mescla conceitual entre webnografia e ciberantropologia ao considerarmos as descrições da "Webnographers Wiki". Nessa concepção, o termo pode servir tanto para pesquisas acadêmicas quanto mercadológicas.	

Fonte: elaborada por Amant.

A fim de resgatar o olhar dos membros da página do facebook do Bloco de Lutas (Bloco de Lutas pelo Transporte público Porto Alegre), lancei duas perguntas na página digital. Uma delas em forma de enquete, questionando sobre as possíveis aprendizagens proporcionados pela vivência no Bloco de Lutas. A enquete oferecia a possibilidade do sujeito adicionar uma opção além das sugeridas:

Figura 1 – Enquete na página virtual

Para Arroyo (2003) as situações de tensão, seja as de motivação ou as de luta, vivenciadas pelos militantes dos Movimentos Sociais envolvem riscos. A estas situações o autor chama “vivências totalizantes” e reforça a ideia de Movimento Social como espaço que educa, pois segundo o autor, “ a luta pela vida, educa por ser o direito mais radical da condição humana.”

Que vivência no Bloco proporcionou mais aprendizado? Comente o que a vivência te ensinou ou acrescentou.

- Facebook
- Ocupação
- Atos/ Manifestações/Protesto
- Assembleias
- Aulas Públicas
- + Adicionar uma opção...

Curtir - Comentar - Compartilhar

Thièrs Wilberger curtiu isso.

Escreva um comentário...

Fonte: Dados elaborados pela autora (2014).

A segunda questão lançada indagava sobre a utilização do facebook pelos movimentos, os pontos positivos e negativos, ou seja, foi uma questão aberta onde os usuários podiam responder livremente:

Figura 2 – Questão na página virtual



Fonte: Dados elaborados pela autora (2014).

Com o objetivo de ampliar a pesquisa netnográfica, além das duas perguntas postadas no grupo do facebook, selecionei quatro perfis no facebook de pessoas que confirmaram presença no evento criado no facebook “Seminário Passe livre, Transporte 100% Público e Mobilidade Urbana”, organizado durante a ocupação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre nos dias 13 e 14 de julho de 2013. A escolha dos perfis foi a partir de postagens no evento do facebook como fotos, reprodução de falas e comentários sobre o evento, que demonstravam que eles estavam presentes na atividade. Busquei nesses perfis informações sobre idade, escolaridade e vinculação¹¹ com movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos. Os perfis que não disponibilizavam informações ou não permitiam a visualização delas por pessoas que não faziam parte da rede de amigos foram descartados da pesquisa e substituídos por perfis que permitiam a pesquisa.

¹¹Por vinculação em termos de facebook entendemos páginas curtidas, participação em eventos, informações compartilhadas e participação em grupos.

3.2.3 Roda de conversa

Com o objetivo de realizar um debate coletivo que possibilitasse o cruzamento dos olhares dos diferentes sujeitos, organizei uma roda de conversa baseada nos princípios dos Círculos de Cultura como “democratização da palavra, da ação e do poder” (BRANDÃO, 2010, p. 69). De acordo com o autor,

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é “aprender a dizer a sua palavra”. Desta maneira podem ser sintetizados os fundamentos dos círculos de cultura. (BRANDÃO, 2010, p. 69).

Segundo Ferreira (2014) a roda de conversa é um meio conveniente de coletar informações, discutir temas polêmicos e é ainda uma oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento de argumentos a partir de falas e indagações em clima informal ou menos formal.

Para a roda de conversas convidei outros sujeitos além dos entrevistados. Encontrei muita dificuldade para reunir esse grupo, primeiro por causa da realização do Campeonato Mundial de Futebol (Copa do Mundo) que ocorria no Brasil cujo Bloco de Lutas se posicionou contrariamente.

O Bloco de Luta pelo Transporte Público e o Comitê Popular da Copa de Porto Alegre estão organizando o dia internacional de lutas contra a copa da FIFA que será realizado no dia 15 de maio, às 18h, com concentração na prefeitura de Porto Alegre e acontecerá em diversas cidades do país. nosso lema é: não vai ter copa, vai ter luta! (2014, <http://comitepopularcopapoa2014.blogspot.com.br/>)

Assim, antes e durante a Copa do Mundo, o bloco esteve envolvido em uma série de eventos contra a realização do campeonato e este fato inviabilizou a realização da roda de conversa.

Após a Copa do Mundo iniciaram-se as campanhas eleitorais para a presidência da república, governo estadual, senado e deputados estaduais e federais. Como muitos dos participantes do bloco também fazem parte de partidos políticos, houve uma concentração maior de atenção para as campanhas de seus candidatos, e até mesmo os anarquistas parecem ter desviado o foco do Bloco e concentrado em suas campanhas pelo voto nulo. Desta forma tive que aguardar o término das eleições para retomar os contatos a fim de reunir o grupo.

Após as eleições marquei a roda de conversa duas vezes, porém, não apareceu ninguém. Alguns justificaram envolvimento com a eleição do DCE da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, outros alegaram a sobrecarga de final de semestre nas universidades e razões pessoais; outros simplesmente não justificaram. Na terceira tentativa compareceram duas pessoas e a atividade foi realizada, pois não haveria tempo hábil para uma nova tentativa. E, além disso, não realizar a roda e remarcar seria desconsiderar as pessoas que se dispuseram a participar. Porém, as duas pessoas que compareceram para a roda de conversas, não haviam participado da entrevista individual.

No primeiro momento, houve uma apresentação das pessoas presentes seguida de um power point onde apresentei os objetivos da pesquisa, inclusive, as questões propostas para a roda de conversa organizadas em cinco tópicos conforme a tabela abaixo:

Quadro 1 – Tópicos para a roda de conversa

	Tópico	Objetivo
1	Linha do Tempo do Bloco de Lutas	Reconstruir a história da experiência
2	Dimensões educativas	Refletir sobre as dimensões educativas do Bloco de Lutas
3	Participação	Identificar o(s) perfil (s) dos participantes
4	Mídias Sociais	Debater as contribuições e limitações do facebook para o movimento
5	Encaminhamentos	Organizar ações futuras

Fonte: Dados elaborados pela autora (2014).

3.3 Procuramos identificar elementos que indiquem conscientização (indicadores) para analisar a dimensão educativa do Bloco de Lutas.

Segundo Rosa e Adams (2013, p. 8) a utilização de indicadores revela-se como uma metodologia de formulação e avaliação que contribui para a elevação da qualidade e efetividade das ações. O indicador é a unidade que permite medir o alcance de um objetivo específico, possibilitando ajustes e correção de ações previstas e que não estão sendo verificadas pelos indicadores.

Para criação de indicadores se faz necessário transformar os conceitos em variáveis mensuráveis, escolher indicadores que permitam medir cada uma das dimensões dos conceitos dentro de cada proposta e/ou Política Pública, onde a participação cidadã é assumida como um indicador central. No entanto para identificá-la como resultado de um processo de conscientização, esta deve caracterizar-se por seu caráter emancipatório. Assim, os indicadores de participação devem verificar se os indivíduos e seus coletivos sentem-se realizados ao exercê-la; enxergam-se em pé de igualdade entre seus pares e outras lideranças, se a participação está favorecendo o desenvolvimento da autoestima e o surgimento de novas lideranças; e se esta participação não é delegada ou institucionalizada (STRECK e ADAMS, 2006).

Para Trevisan e Bellen (2008), mesmo que um conjunto de variáveis seja semelhante a outros projetos, os indicadores devem ser personalizados conforme a organização executora e objetivos do projeto, pois os indicadores devem retratar a realidade de cada projeto.

A partir da leitura dos instrumentos busquei identificar elementos que indicassem comprometimento, autonomia e realização:

Quadro 2 – Indicadores de participação na perspectiva de Streck

Indicador	Características
Comprometimento com a realidade	Participação no Bloco motivada pelo anseio de mudança Permanência na luta pelas causas sociais e/ou populares
Autonomia	Participação autônoma, voluntária, não tutelada;
Realização/ cidadania	Manifestação de sentimento de dever cumprido, que ter participado daquele momento foi importante;

Fonte: Dados elaborados pela autora (2014).

No quinto capítulo passaremos a apresentar e refletir sobre os materiais coletados pelos diferentes meios utilizados nesta pesquisa. O capítulo que segue visa à trazer o aporte teórico, base da análise compreensiva que seguirá.

4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS, NOVAS FORMAS DE MOBILIZAÇÃO E MÍDIAS SOCIAIS

4.1 Revendo a Teoria dos Movimentos Sociais

A partir dos anos 1960, na América Latina, o movimento popular articulado era protagonizado por agentes sociais da esquerda, de algumas igrejas cristãs e seu ecumenismo, ações pastorais, centros comunitários, centros de defesa dos direitos humanos. Esta forma de articulação era considerada inovadora para a época, já que os movimentos que a antecederam, e existem ainda hoje, tinham princípios clientelistas (GOHN e BRINGEL, 2012, p.21). Segundo os autores, neste mesmo período, na Europa, as novidades eram as ações coletivas feministas, movimentos pacifistas, ambientalistas, estudantis e de cultura alternativa. Houve uma grande revolução cultural nos costumes e hábitos de uma geração que estava muito além de seus pais e antepassados, no que tange aos anseios por um novo modo de viver. Buscaram engajar-se na política de modo diferente das formas então vigentes, motivando alguns intelectuais a saírem pelos campos pregando a revolução. Che Guevara foi um dos símbolos dessa frente. Essa geração não queria mais ser conduzida pelo passado, tradição, pelos velhos, pelos “tempos mortos”. Dentre as formas de comunicação da época destacavam-se o uso dos muros e o uso da televisão.

Na América Latina, os Movimentos Sociais destacaram-se no campo de estudos das Ciências Sociais nos anos 1970/1980, com o surgimento dos movimentos sociais populares urbanos que reivindicavam basicamente direitos coletivos, além do papel de destaque na luta contra o regime militar.

No estudo dos movimentos sociais, os anos 1990 são sempre citados como um período de arrefecimento ou de crise, pois nesse período, após a Constituição Federativa do Brasil de 1988, com o retorno da democracia, alguns movimentos sociais participaram ativamente dos espaços de construção e debate de políticas públicas (Conselhos Gestores, Fóruns, Redes, etc.), de forma mais institucionalizada ou ainda prestando assessoria ao poder público. Ou seja, uma parcela dos “Novos Movimentos Sociais” passam a ver o Estado e a iniciativa privada como parceiros.

De forma resumida, os movimentos sociais, no início deste milênio, podem ser organizados em 12 eixos temáticos (GOHN, 2010): (1) Movimentos sociais em

torno da questão urbana, pela inclusão social e por condições de habitabilidade na cidade; (2) participação nas estruturas institucionais político-administrativa da cidade como o Orçamento Participativo – O.P. - e Conselhos Gestores; (3) Movimentos em torno da questão da saúde, como; (4) Movimentos de demandas na área do direito (humanos, culturais, etc); (5) Mobilizações e movimentos sindicais contra o desemprego; (6) Movimentos decorrentes de questões religiosas de diferentes crenças, seitas e tradições religiosas; (7) Mobilizações e movimentos dos sem-terra, na área rural e suas redes de articulação com as cidades por meio da participação de desempregados e moradores de ruas, nos acampamentos do MST, movimentos dos pequenos produtores agrários; (8) Movimentos contra as políticas neoliberais; (9) Grandes fóruns de mobilização da sociedade civil organizada, como O Fórum Social Mundial; (10) Movimento das cooperativas populares de material reciclável, produção doméstica alternativa de alimentos, produção de bens e objetos de consumo, produtos agropecuários etc.; (11) Mobilizações do Movimento Nacional de Atingidos pelas Barragens, hidrelétricas, implantação de áreas de fronteiras de exploração mineral ou vegetal etc; (12) Movimentos sociais no setor das comunicações, a exemplo do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC).

Destacam-se aqui os movimentos do eixo nove, antiglobalização que tem como característica a articulação e atuação em redes globais e a crítica ao modelo capitalista e sua insustentabilidade ambiental; ao mesmo tempo, a defesa de uma globalização contra-hegemônica que respeite as peculiaridades culturais e locais, com justiça social e ambiental. Outra característica marcante destes movimentos é sua composição heterogênea, com organizações religiosas, ambientalistas, anarquistas, movimentos rurais, etc. formando uma rede de movimentos sociais.

A mídia (televisão e jornais) deu grande visibilidade ao movimento antiglobalização acompanhando suas agendas, mas dando mais visibilidade aos atos e aparência de alguns militantes, como os punks, por exemplo. E deu menos visibilidade ao debate sobre a participação de outros grupos, como os sindicatos. A era dos computadores já predominava, unindo jovens de diferentes partes do mundo em torno de idéias e ações comuns. O movimento altermundista teve que mudar sua tática, pois após a queda das torres gêmeas passou a ser mal visto pelas autoridades, mídia, etc., sendo visto como ameaça à ordem. As ações no mundo foram diminuindo e a cada ano os debates se esvaziando.

O I Fórum Social Mundial realizado em 2001 em Porto Alegre foi um evento antiglobalização organizado pelos movimentos sociais como contraponto ao Fórum Econômico Mundial em Davos, procurando demonstrar que “um outro mundo é possível” com propostas alternativas às do modelo econômico neoliberal vigente.

O Fórum Social Mundial aconteceu anualmente de 2001 a 2007 e depois a cada dois anos. Por se tratar de um evento de grande porte - que, em 2003, contou com a participação de 100 mil pessoas -, em função de diversos desafios logísticos surgem críticas quanto à institucionalização do evento. No entanto o referido Fórum completou dez anos em 2011 e vem se realizando, anualmente, Fóruns Sociais Temáticos com atividades descentralizadas em distintas partes do globo.

4.2 O pedagógico e o educativo nos Movimentos Sociais

A palavra “pedagogo” significa condutor (aquele que leva alguém para um novo processo educativo). A Pedagogia é a ciência que trata da educação, sobretudo dos processos de condução de alguém para novos saberes, novos valores, para o aperfeiçoamento humano. O lugar onde se trabalha ou se exerce determinada função é um espaço educativo, pedagógico. (ARROYO, 1997, p. 61).

Pedagogia é a ciência do ensino, entretanto, a prática educativa é um fato social que se dá na convivência humana na vida familiar, no trabalho, no lazer, na participação política.

Segundo Gadotti (2012, p.10) existem inúmeras vertentes, tendências, correntes e concepções educativas, pois a educação não é neutra, é impregnada de valores e princípios que configuram uma visão de mundo e de sociedade e ela sempre está relacionada a um contexto histórico.

À medida que aceitamos que as idéias não se desenvolvem num vácuo histórico e social, podemos pressupor também que a prática educativa e as idéias que as alimentam e interpretam carregam marcas do seu contexto. (STRECK, 2008, p. 79).

Para Brandão (1993) a educação é um processo de humanização que se dá ao longo de toda a vida, ocorrendo em casa, na rua, igreja, etc. de diferentes formas e este processo é anterior a escola. Segundo Streck (2009, p. 3), Paulo Freire foi um pensador que soube reinventar a pedagogia em meio ao movimento da sociedade, pois uma das características da Educação Popular é: “Acompanhar o movimento de

classes, grupos e setores da sociedade que entendem que o seu lugar na história não corresponde aos níveis de dignidade a que teriam direito”. (STRECK, 2009, p. 2).

O autor ainda destaca a forte ligação entre educação popular e movimentos sociais já que aquela se constitui em uma pedagogia DO oprimido e não PARA o oprimido, tendo o movimento social como grande escola da vida. As rebeldias dos movimentos sociais impulsionam mudanças na sociedade. Eles buscam a humanização, propiciam a construção das pessoas enquanto sujeitos conferindo-lhes protagonismo, consciência de seu tempo, sua história, identidade e papel político e social.

Moretti (2008, p. 131) entende a educação popular como paradigma educativo combinado com militância política e organização dos oprimidos. A autora trata a insurgência como princípio educativo e força mobilizadora. A educação vai se construindo nos processos dos movimentos sociais e o educativo surge de diferentes formas, através das experiências vivenciadas. O conhecimento gerado provoca mobilização e inquietação.

Nas décadas de 1970 e 1980 os movimentos sociais tiveram grande contribuição na construção da consciência pelo direito à educação e a escola pública, assim como a democratização e ampliação desta política pública (ARROYO, 2003). O autor propõe que se amplie o olhar questionando sobre o potencial educativo dos movimentos e suas contribuições pedagógicas para a educação formal e informal. Os Movimentos Sociais, de forma geral, expressam demandas de grupos que tem ou tiveram algum direito negado ou violado e estão lutando para mudar esta situação, desta forma o aprendizado de direitos é destacado como dimensão educativa. Os sindicatos também se apresentam como escolas de formação de lideranças e de formação política de diversas categorias de trabalhadores.

Segundo Gohn (2012, p.15), a cidadania é um elemento de união entre educação e movimentos sociais, mas observa que a noção de cidadania teve conotações diferentes influenciadas por concepções de sociedade e convívio social de épocas distintas. Por exemplo, no século XIX a cidadania inclui as massas, mas com objetivo de discipliná-las. Seria o que Demo (1995) chama de cidadania tutelada, aquela que se tem por dádiva ou concessão de cima, por conta da reprodução da pobreza política das maiorias. Apela para o clientelismo e o

paternalismo, com o objetivo de manter a população atrelada os seus projetos políticos econômicos. O resultado mais típico dessa cidadania tutelada é a reprodução indefinida sempre da mesma elite.

No século XX, a concepção de cidadania enfatiza os direitos e deveres dos indivíduos regulamentados pelo Estado. Conforme Gohn (2012, p. 19), “A questão da cidadania deixa de ser conquista da sociedade civil e passa a ser competência do Estado.” Demo (1995) caracteriza esse processo como Cidadania Assistida, que expressa a forma mais amena de pobreza política porque já permite uma noção de direito, que é o direito a assistência. Entretanto ao preferir a assistência à emancipação, colabora na reprodução da pobreza política, atrelando a população a um sistema de benefícios estatais, maquiando a marginalização social e não se confrontando com ela.

Ainda no século XX grupos da sociedade civil organizada trabalhavam na perspectiva de uma cidadania coletiva, uma reação ao individualismo estimulado pelo sistema capitalista. A cidadania coletiva luta por interesses coletivos de natureza diversa. Desta forma, nasce um novo ator histórico enquanto agente de mobilização e pressão por mudanças: os Movimentos Sociais” (GOHN, 2012, p.20). A cidadania coletiva se dá de forma endógena e não através de intervenções externas, o próprio processo de luta é entendido como um movimento educativo, pois a cidadania se constrói no interior da prática social como reflexo das experiências vivenciadas que geram identidade político-cultural eliminando a pobreza política, emancipando os sujeitos da manipulação e tutela, estes, tornam-se conscientes, críticos e propositivos para mudar a realidade. A cidadania, com estas características, Demo (1995) classifica como Cidadania emancipada.

Segundo Adams (2010) a palavra emancipação significa liberdade concedida, adquirida ou conquistada. Emancipar-se quer dizer livrar-se do poder exercido por outros, é o contrário de dependência, submissão. Dizer que emancipação social é a cidadania aperfeiçoada é limitar o paradigma, pois a emancipação é a superação da cidadania. Tonet (2005) afirma que o objetivo maior da educação não pode ser cidadania, já que esta não é sinônimo de liberdade, a emancipação sim deveria, pois é sinônimo de liberdade plena. A educação para a cidadania não deve ser o fim, mas o meio.

Há uma pedagogia dos movimentos sociais, dos mais antigos aos mais atuais. Uma pedagogia com rituais, símbolos, representações, palavras de ordem, formas de organização e representação... tão parecidas, tão didáticas, tão formadoras e educativas que poderíamos falar em uma pedagogia dos movimentos sociais. Mais idêntica do que diversa. Com traços mantidos e repetidos ao longo dos séculos. Traços repostos em cada movimento como se fossem a marca de todo movimento. (ARROYO, 2003, p. 47).

Segundo a teoria Vigotskiana o conhecimento não é adquirido, mas construído socialmente, uma relação dialética entre o sujeito e meio histórico. Para Freire (1980) a realidade apresenta-se em constante transformação, perceber esta dinâmica das mudanças sociais se faz importante para compreender que a realidade não é algo intocável, uma sina diante da qual só há um caminho: a acomodação. “Na medida em que o homem, integrando-se nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e leva respostas aos desafios que se lhe apresentam, cria cultura” (Freire, 1980. p. 38.)

Neste sentido, Gohn (2012, p. 24) destaca o caráter pedagógico dos movimentos sociais como sendo os instrumentos utilizados no processo e o caráter educativo como um processo que realimenta novos processos. Por exemplo, o processo de participação em um movimento social leva ao conhecimento e reconhecimento das condições de opressão e desigualdade de determinado grupo, este é o caráter educativo do movimento. A forma como o movimento vai estimular um olhar crítico, que resulte em maior envolvimento dos indivíduos na luta para a superação da opressão e desigualdade, pode ser através de seminários, formações, enfim, metodologias utilizadas para mobilizar os participantes do movimento, além das estratégias para organização e realização das ações, tratam-se de processos pedagógicos.

Nos séculos XVIII e XIX, na Europa, já se recorria as marchas para protestar, utilizando-se também da música e palavras de ordem, formas básicas de se comunicar, pois a maioria da população era analfabeta. Havia a figura dos “repetidores”, homens que ficavam em altos postes gritando palavras de ordem, repetindo discursos de lideranças. No século XX, com a escrita e o acesso de muitos a escolarização, com os gramofones e alto-falantes, os “repetidores” foram substituídos por instrumentos de som e surgiram os jornais de categoria, boletins, cartilhas e imagens de cinema (antes mudos, depois os vídeos). as marchas tornaram-se mais barulhentas. Veio ainda o carro de som, o trio elétrico. Neste século surgiram as mobilizações on-line, organizadas via blog, twitter, facebook, monitores on-line, torpedos e mensagens de celular. [...]. curiosamente, em 2011 em momentos de repressão, como ocorreu com o movimento Occupy Wall Street, quando os megafones foram proibidos, os manifestantes

usaram antigas estratégias: “o microfone humano”. A multidão próxima dos oradores repetia as frases deles. (GOHN, 2012, p. 12).

Streck (2005, p. 94) afirma que se faz necessário educar a participação e que o educador tem papel importante nesse processo, na medida em que praticam, cultivam, orientam, informam, contextualizam e incentivam a participação. a manutenção do envolvimento e dedicação dos sujeitos nas causas sociais. A PARTICIPAÇÃO pode ser um indicador de conscientização, de que o SUJEITO está de fato comprometido com as mudanças constantes do meio e com as demandas pelas quais reivindica.

Nesse contexto, a próxima seção traz alguns fundamentos que darão subsídio a reflexão sobre o segundo objetivo dessa pesquisa que busca entender o papel das mídias sociais nesse processo de participação e conscientização dos sujeitos.

4.3 A incorporação das novas tecnologias (mídias sociais) na organização dos Movimentos Sociais

Após a crise financeira de 2008, tomaram escala global ações contra a globalização como o Movimento dos Indignados. A indignação ganha centralidade nas ações coletivas de jovens e atua como um dos principais parâmetros. As mídias sociais, facebook, twitter, apresentam-se como importantes meios de comunicação dos movimentos sociais da atualidade. assim como os blogs e e-mails para divulgação e troca de informação Celulares e diferentes formas de mídia móvel passam a ser instrumentos de comunicação básicos. O registro instantâneo de ações transformou-se em arma de luta, em ações que geram outras ações como resposta. Twitter, Facebbok, Youtube, etc., acionados, principalmente via aparelhos móveis, são ferramentas do ciberativismo que se incorporam ao perfil do ativista.

As ações desses movimentos são articuladas on-line por meio dessas TICS, mas, continuam – como os movimentos sociais de vanguarda - sendo motivados por crises que afetam as condições de vida das pessoas, receios em relação às instituições políticas que administram a sociedade (CASTELLS, 2013).

A “conjuminância” de degradação das condições materiais de vida e crise de legitimidade dos governantes encarregados de conduzir os assuntos públicos leva as pessoas a tomar as coisas em suas próprias mãos, envolvendo-se na ação coletiva fora dos canais

institucionais prescritos para defender suas demandas e, no final, mudar os governantes e até as regras que moldam suas vidas (CASTELLS, 2013, p.157).

Essas ações têm pautado agendas de lutas sociais a partir de novas demandas, formas de organização, comunicação e ação, questionam o modelo de desenvolvimento atual. Muitas dessas ações têm dado voz e vez a novos sujeitos sociopolíticos: os jovens (GOHN, 2013, p.11).

Segundo Gohn (2013, p. 21) os sujeitos, simpatizantes da causa, que atendem aos chamados para participar em protestos poderão se tornar ativistas de um movimento social, sensibilizados por um problema social como corrupção, preconceito, etc. No texto “A revolução será tuitada”, publicado em junho de 2012 na revista CULT, a autora atribui aos “novíssimos movimentos sociais” a característica inovadora do debate de demandas grupais como emprego, saúde, educação e serviços sociais, visto que as pautas dos movimentos que antecedem os “novíssimos” tinham caráter mais identitário ao redor de gênero, etnia, opção sexual, entre outros.

A autora defende que é um novo modelo de associativismo, diferente das rebeliões dos anos de 1960; mas igualmente distinto dos movimentos altermundistas recentes, como o Fórum Social Mundial. As diferenças vão desde os campos temáticos tratados, passa pela forma de comunicação, até a forma como vêm os partidos e organizações políticas. Observa-se um novo cenário econômico e sociopolítico, em que marchas, ocupações e manifestações voltaram à cena em diferentes partes do mundo globalizado. As manifestações atuais são diferentes das dos anos 1990. Mas são, ao mesmo tempo, resultado de conjunturas estruturadas naquela década com a globalização que produziu uma geração ampliada de excluídos. Além dos excluídos pela pobreza, agregam-se os jovens desempregados, reflexo das regras internacionais do trabalho no mundo globalizado. Esta tendência à exclusão dos jovens desempregados os limita também o acesso ao mundo do consumo.

As referidas mobilizações não são convocadas por partidos políticos ou sindicatos, ainda que muitos deles peguem carona com o desenrolar das ações. A principal explicação é o desencanto com a política tradicional, a indignação diante do cenário de corrupção que aparece como incontrolável e falta de vontade política dos dirigentes.

Ricci (2012) faz um contraponto dizendo que não há nada de “novíssimo” nesses movimentos, discordando de Gohn quando a autora afirma que as mídias sociais possibilitam um novo tipo de associativismo.

Os vínculos são individuais e não armados a partir de uma identidade coletiva. O que ocorre é uma adesão momentânea. O que faz das mobilizações algo muito mais efêmero do que um movimento social. Uma pessoa adere a uma mobilização por perceber que não está sendo usada ou tragada por uma articulação maior, uma organização. Daí que o primeiro contato é fundamental. O primeiro contato com um convite ou uma reflexão, pela rede social, se faz a partir de alguém que o receptor já conhece e confia. Um torpedo pelo celular, uma mensagem postada na Linha do Tempo do facebook. Se não há esta garantia de autonomia (a palavra central para compreendermos as mobilizações sociais de tipo novo), não há engajamento algum. (BLOG, 2014, <http://rudaricci.blogspot.com.br/>).

O autor defende que as mídias sociais possibilitam aos seus usuários a construção, por livre adesão, de teias de relacionamento que nem sempre se conectam fora das mídias sociais. Um mesmo usuário pode participar de grupos digitais que se contradizem, como por exemplo, um grupo contra a exploração de petróleo e outro que defende a redução de IPI (Imposto Sobre Produtos Industrializados) para automóveis que contribui para o aumento do consumo de combustível fóssil.

Acredito que esse novíssimo movimento social é plural, é diverso, nesse espaço virtual ou presencial estão presentes sujeitos engajados e politizados e sujeitos motivados pelo fervor do momento, pelo sentimento de estar participando mas que de fato essa motivação é momentânea e imediatista como descreve Ricci. Ao mesmo tempo muitos da chamada geração Y descrita pelo autor podem vir a se engajar e permanecer em/no movimento. Talvez essa seja mais uma característica dos novíssimos movimentos sociais.

Quanto ao sentido mais geral, Lévy (2010) afirma que o crescimento do ciberespaço é resultado de um movimento internacional de jovens que desejam experimentar coletivamente formas de comunicação diferentes e que este se trata de um novo espaço de comunicação. Em entrevista ao jornal O Globo, em junho de 2013, o autor questionado quanto à credibilidade das informações das mídias sociais serem menos confiáveis que as veiculadas nas demais mídias, explica seu ponto de vista:

Você não confia na mídia em geral, você confia em pessoas ou em instituições organizadas. Comunicação autônoma significa que sou eu que decido em quem confiar, e ninguém mais. Eu consigo distinguir a honestidade da manipulação, a opacidade da transparência. Esse é o ponto da nova comunicação na mídia social. (LÉVY, 2013, <http://netativismo.wordpress.com/2013/11/01/entrevista-com-pierre-levy/>.)

Na mesma entrevista o autor foi questionado quanto ao risco de mídias como o twitter serem bloqueadas em países como o Brasil e a Turquia, devido a sua utilização nas manifestações. Afirmou que não teme este bloqueio, pois acredita que, ao contrário da mídia convencional, a mídia social seria impossível de ser controlada; no máximo poderia influenciar opiniões. O mais provável é que as forças sociais e políticas utilizem as mídias sociais a seu favor, aspecto este que pode estar se confirmando pelo fato de todos os partidos políticos terem perfis em mídias sociais como facebook e twitter.

Além disso, o Marco Civil da internet, construído com a participação de ativistas pela liberdade na internet e organizações da sociedade civil, foi aprovado pela câmara dos deputados em março de 2014. O Marco civil garante a liberdade de expressão e o tratamento e a comunicação como direito universal e não como mercadoria. O projeto de lei entre outros encaminhamentos, garante a neutralidade na rede, delega ao judiciário a decisão de retirada de conteúdo da rede, impedindo o poder de censura dos provedores de internet e assegura a privacidade do fluxo de informações armazenados na rede.

Em entrevista ao jornal Opção em julho de 2013 o Professor da Universidade Federal de Goiás – UFG, Di Felice também comenta a democracia das mídias sociais:

As redes digitais criaram outro tipo de fluxos comunicativos, descentralizados, que permitem o acesso às informações e a participação de todos na construção de significados. A razão política moderna é fálica e cristã, busca dominar o mundo, rotula pensamentos enquanto os simplifica, necessita de inimigos e promete a salvação. A lógica virtual é plural, se alimenta do presente e não possui ideologia, além de viver o presente ato impulsivo. (DI FELICE, 2013, <http://netativismo.wordpress.com/2013/11/01/um-orgasmo-democratico/>)

O professor DI Felice elenca dez contribuições sociopolíticas importantes das mídias sociais que podem subsidiar a teoria dos novíssimos movimentos sociais:

- a) possibilidade técnica de acesso de todos a todas as informações;

- b) debate coletivo em rede sobre as questões de interesse público;
- c) o fim do monopólio do controle e do agenciamento das informações por parte dos monopólios econômicos e políticos das empresas de comunicação;
- d) o fim dos pontos de vista centrais e das ideologias políticas modernas (seja de esquerda ou direita) que tinham a pretensão de controlar e agenciar a conflitualidade social;
- e) o fim dos partidos políticos e da cultura representativa de massa enquanto ordenadores e controladores da participação dos cidadãos, limitando-a ao voto de acordo com as regras de cada país.

A partir do sexto ponto, o professor Di Felice classifica aquilo que trata da evolução sistêmica:

- f) o advento de uma lógica social conectiva que se expressa na capacidade que as mídias sociais digitais têm de reunir, em tempo real, uma grande quantidade de setores diversos e heterogêneos da população em torno de temáticas de interesse comum;
- g) a passagem de um tipo de imaginário político baseado na representação identitária e dialética (esquerda-direita; progressistas-reacionários, etc.) para uma lógica experiencial, conectiva e tecno-colaborativa, que se articula, não mais por meio das ideologias, mas através da experiência entre indivíduo, informações e territórios;
- h) o advento de um novo tipo de gestão pública e de democracia;
- i) a transformação da relação entre político e cidadão e do papel dos eleitos que passam a ser considerados, não mais como representantes do poder absoluto, mas porta-vozes e meros executores da vontade popular que os vigia a cada decisão;
- j) a passagem de um imaginário político baseado em uma esfera pública na qual a participação dos cidadãos era apenas opinativa, para formas de deliberação coletiva e práticas de decisão colaborativas que se articulam autonomamente nas redes.

É importante observarmos que as motivações comuns, básicas, dos novíssimos movimentos sociais são a democracia (direta e verdadeira) e a liberdade de expressão. As mídias sociais com seu caráter ciberdemocrático possibilitam esta comunicação livre dos militantes e simpatizantes, conectando as ruas em tempo real, repercutindo nas mídias convencionais, fomentando a opinião pública que acaba influenciando discursos neoliberais mundiais cumprindo, de certa forma, uma função de movimento social. André Lemos (2004, p.136) reconhece a utilização dos ciberespaço pelos MS.

Hoje as atividades dominantes da sociedade em rede (finanças, administração, serviços, comércio, mídia, entretenimento, esportes etc.) estão organizadas em volta da lógica dos espaços de fluxos, enquanto a maioria das formas de construção autônoma de significado, identidade e resistência social e política foram e estão sendo construídas no ciberespaços, também, e cada vez mais, em torno dos espaços de lugar.

Cabe refletirmos sobre o real impacto das informações trocadas via mídia social na realidade e nas práticas dos sujeitos e a qualidade da participação deles nas ações dos MS.

4.4 O papel da juventude nos Novíssimos Movimentos Sociais

A partir do ano 2000, o Brasil passa a experimentar um período de relativa estabilidade econômica, associada à implantação de políticas sociais como Bolsa Família e abertura para participação da sociedade civil em espaços de controle social. Este cenário possibilitou o avanço das pautas de movimentos sociais como as de afrodescendentes e mulheres, entre outros. Mas como citado anteriormente, esta abertura para a participação também ocasionou, em muitos casos, a perda da autonomia dos movimentos. Além disso, outro reflexo foi a dificuldade de renovação dos movimentos, visto que seus militantes mais antigos foram assumindo outras funções e não houve a ocupação de seus postos por novos. Segundo Souza (2005, p.2) isto se deve a um distanciamento da mudança de paradigma de comportamento social e político dos jovens com espaços institucionais.

De uma maneira geral a política, da forma como foi elaborada no século 19 e funcionou bem no século 20, já não é algo eficaz. Os partidos políticos, os programas de governo, os sindicatos não cristalizam mais a rebelião dos

jovens, já não falam para as novas gerações. (MAFFESOLI, 2013, <http://netativismo.wordpress.com/2013/11/01/um-orgasmo-democratico/>)

O Movimento Estudantil esteve, nas últimas décadas, envolvido em lutas relacionadas ao seu cotidiano, com questões éticas da sociedade brasileira. Neste sentido um marco importante na era Collor com os “Caras Pintadas”; e, desde 2008, com a ocupação de reitorias de universidades, seja reivindicando participação dos estudantes nas deliberações ou eleição do reitor ou contra aumento de mensalidades em universidades privadas. Além disso, os estudantes têm participado ativamente dos encontros do Fórum Social Mundial. Inclusive, no V FSM, em janeiro de 2005, em Porto Alegre, o Movimento Passe Livre Brasil (MPL) foi fundado. Em fevereiro do mesmo ano houve lutas contra o aumento das passagens em São Paulo; em junho a II Revolta das Catracas barrou o aumento das passagens de ônibus em Florianópolis; e outras mobilizações também barraram o aumento da tarifa em Vitória, ES.

Antes da fundação do MPL, em 2003 aconteceu a Revolta do Buzu em Salvador; e em 2004, a Revolta das Catracas em Florianópolis que, além de barrar o aumento, aprovou a Lei do Passe Livre Estudantil. Inicialmente o MPL estava muito vinculado ao Movimento Estudantil, tendo como principal pauta a passagem sem custos para estudantes, caracterizando-se assim como um movimento composto por jovens. Mais tarde o MPL passou a debater o acesso, não só dos estudantes, mas do trabalhador aos espaços urbanos.

As catracas do transporte urbano são uma barreira física, que discrimina segundo o critério da concentração de renda, aqueles que podem circular pela cidade daqueles condenados a exclusão urbana. Para a maior parte da população explorada nos ônibus, o dinheiro para condução, não é suficiente para pagar mais do que as viagens entre a casa, na periferia, e o trabalho, no centro: a circulação do trabalhador é limitada, portanto, à sua condição de mercadoria, de força de trabalho. (MPL – SP, 2013, p.15).

Gradativamente, organiza-se um movimento social em torno de transporte de cunho autônomo, apartidário, horizontal, que supera a bandeira inicial do passe livre estudantil e que propõe a luta pela reapropriação dos espaços urbanos. O MPL é composto por coletivos locais que não se submetem a qualquer organização central. As deliberações políticas são discutidas e encaminhadas por todos, de baixo para cima, em espaços que não possuem dirigentes nem respondem a instâncias superiores (MPL – SP, 2013, p.15).

Manifestações como a Primavera Árabe, Movimento Occupy Wall Street e as jornadas de junho de 2013 no Brasil, de fato, foram protagonizadas por jovens. Segundo Gohn (2013), Badiu tenta entender a repolitização das lutas nesta nova década subdividindo-as em três tipos de revoltas: a) imediatas (destacam-se os jovens com sua capacidade de reunir-se, mover-se, estabelecer invenções lingüísticas em um dado território); b) latentes (em que se criam diferentes tipos de resistência a ações ou medidas impopulares, segundo os sentimentos e subjetividades das pessoas, gerando uma unidade de tipo novo); c) e históricas (as que possibilitam novos estágios na história da política. Para o autor o engajamento dos indivíduos enquanto sujeitos é fundamental para o progresso do movimento.

Slavoj Zizek é um intelectual-filósofo que tem influenciado os jovens em movimentos como o Occupy Wall Street. Ele afirma que “Não basta saber o que não se quer, é preciso saber o que se quer”. Levy (2013) em entrevista para o I Congresso Internacional de net-ativismo afirma que esta nova geração de jovens tem como ideologia a comunicação sem fronteiras, a identidade em rede, inteligência coletiva e transparência, além do desenvolvimento humano.

Para Ricci (2013), ações protagonizadas por jovens da geração Y, como ele descreve abaixo, não se caracterizam como movimento social. No máximo seriam ações efêmeras. O autor discorda de Gohn, pois, segundo ele, a autora faz uma leitura dos movimentos sociais com uma lente do século XX, sem considerar a mudança de gerações. Em entrevista concedida pelo sociólogo ao IHU idéias em 2013, o autor também deslegitima as manifestações de junho no Brasil descrevendo-as como: “onda juvenil, de classe média, que forma uma força irresistível que carrega tudo junto. Algo como um carnaval político.”

Rocha (2013), também em entrevista ao IHU idéias, avalia que as manifestações brasileiras em junho de 2013 foram protagonizadas por dois grupos: aqueles que nunca se organizaram e trazem bandeiras e o hino nacional; e os que estão a mais tempo organizados em lutas de classes. O professor ainda retoma o seu nascimento lembrando o movimento antiglobalização desde os anos 2000 e o Movimento Passe Livre – MPL que surgiu em Florianópolis no mesmo ano e se nacionalizou em 2005 no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre; e posteriormente se acumula a Copa das Confederações no Brasil, em 2013.

Maior de 1968 ficou marcado na história como um momento de intensas transformações políticas e culturais. E este acontecimento também foi protagonizado

por jovens estudantes, em sua maioria, filhos de imigrantes, da Universidade francesa de Nanterre. Inicialmente os estudantes reivindicavam melhorias no campus. A direção da universidade respondeu de forma autoritária e inclusive fechou a faculdade de Letras. Inconformados os estudantes deslocaram-se para a Sorbone em Paris, exigindo a reabertura da faculdade de Letras em Nanterre. Houve reação violenta da polícia parisiense iniciando uma série de passeatas ganhando foro político contestando, não apenas a direção da universidade, mas, o governo conservador passando de demandas estudantis para demandas de trabalhadores. Crescentemente, o movimento foi tomando proporções globais que pautavam a luta pela liberdade e contra a opressão, com destaque ao papel dos sujeitos e sua alienação na sociedade de consumo, propondo outro modo de vida e a paz.

O Maio de 1968 francês não foi uma simples rebelião juvenil porque as idéias libertárias que ele continha rapidamente se espalharam em diversas partes do mundo, em diferentes conjunturas sociopolíticas e culturais. (GOHN, 2013, p. 85).

Segundo Sousa (2005, p. 3), somente na modernidade os jovens passam a ser considerados sujeitos de direitos, no entanto, são vistos como potencialidade para o futuro, e não para o presente. Não sendo ouvidos no momento de construção de políticas para juventude, tendem ao afastamento da institucionalidade.

A resistência às instituições juntamente com o potencial de contestação histórico da juventude, ampliado pelo poder de comunicação e articulação com outros jovens com insatisfações semelhantes e o conhecimento de iniciativas de sucesso (mobilizações organizadas em outras localidades), empoderaram a juventude para que manifestem a suas insatisfações. Historicamente os jovens tornam-se porta-vozes de toda a população, como vimos no caso de maio de 1968 e do MPL, onde as lutas transcendem demandas juvenis ou estudantis e passam a ser da sociedade como um todo. Mas assim foi também em outros períodos da história, como no Brasil como lembra Nogueira (2013, p. 28):

Os cinquentões lembraram da Passeata dos Cem Mil de junho de 1968 contra a ditadura militar no Brasil. Os quarentões recordaram do Diretas Já de 1983, cuja reivindicação principal era a realização de eleições diretas e pleno exercício democrático. Os balzaquianos sentiram saudades do movimento dos Caras Pintadas em 1992 a favor do impeachment do então presidente Collor de Melo, processo que arriscava terminar em pizza. Comum a todos, uma ampla participação de jovens em protestos contra –

para usar expressão da atual presidenta Dilma Roussef – os mal-feitos governamentais.

5 COMPREENDENDO O PERFIL DO MILITANTES E AS DIMENSÕES EDUCATIVAS E O SENTIDO DA PARTICIPAÇÃO E DO USO DAS MÍDIAS SOCIAIS

Neste capítulo apresento os elementos utilizados para realizar a leitura dos instrumentos empregados na pesquisa. Os elementos foram elencados a partir do quadro teórico apresentado, das falas dos sujeitos registradas nas entrevistas, roda de conversa e facebook e das expectativas expressas nos objetivos do presente trabalho.

O capítulo está dividido em três tópicos, cada um deles relacionado a um dos objetivos da pesquisa. No primeiro analiso o perfil dos militantes do Bloco de Lutas. No segundo as dimensões educativas expressas na obra de Manuel Castells (2013), intitulada: “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet, instrumentos aplicados na pesquisa”; e no terceiro as contribuições e limitações das mídias sociais.

5.1 O Perfil dos militantes

O bloco se define em seus blogs, facebook e em notas públicas¹² como um movimento formado por pessoas autônomas, independentes, outros movimentos sociais, alguns partidos políticos e sindicatos que tem como objetivo a luta contra o aumento das passagens, transporte público de qualidade

Uma das pautas assumidas pelo Bloco de Lutas foi a descriminalização dos movimentos sociais. Segundo Sanson (2008, p198) os movimentos sociais sempre foram tratados como caso de polícia no Brasil,

A célebre afirmação de que “a questão social é uma questão de polícia” atribuída ao ex-presidente da República Velha, Washington Luís, permanece mais viva do que nunca. A direita brasileira demoniza os movimentos sociais. Acusa-o de violento, de baderneiro, de fora da lei. Pretende com isso assustar a sociedade, principalmente os setores da classe média, e ganhar o seu apoio. A direita assusta-se quando o povo sai às ruas e utilizando os meios de comunicação procura criminalizar os movimentos sociais e jogá-los contra a sociedade. (SANSON, 2008, p.198).

¹²Arquivos disponíveis no grupo do bloco no facebook.

De acordo com Scherer-Warren (1993, p. 49), o autoritarismo na cultura política brasileira tem raízes na forma como as classes dominantes se submetem e reproduzem suas práticas que visam manutenção da desigualdade e sua posição como classe dominante política e economicamente. Após a repercussão das manifestações de 2013 que relembrou o poder de mobilização dos movimentos sociais na rua, o posicionamento do Bloco de Lutas contra a realização da copa do mundo no Brasil em 2014, colocou seus militantes, na visão do governo e da polícia, em posição de ameaça a realização do campeonato.

Há poucos dias da Copa da Fifa, militantes que participam do Bloco continuam sendo alvo de perseguição política e intimidação! Além da criminalização e do enquadramento jurídico que o Estado e o aparato repressivo do período de exceção da Fifa impõem, militantes sofrem a pressão da polícia, discreta frente aos olhares públicos e intensa na individualização intimidatória de cada um, investindo em táticas de silenciamento e desmobilização que fazem jus a regimes autoritários que muitos de nós julgamos encerrados. Com frequência, militantes vêm tendo as suas casas arbitrariamente invadidas pela polícia. Não são raras as denúncias de militantes perseguidos, fotografados e coagidos após atos, assembleias e reuniões do Bloco. Além disso, dezenas de lutadores sociais vêm respondendo judicialmente por crimes que não cometeram, embora nem a polícia e nem o Ministério Público tenham conseguido estabelecer um mínimo nexos de causalidade entre fatos criminosos e as condutas dos denunciados.¹³

Sete pessoas foram indiciadas por crimes como posse e emprego de explosivos, furto qualificado, dano simples e qualificado e lesão corporal e também foram enquadradas no artigo 288 do Código Penal, que tipifica o crime de constituição de milícia privada.

Devido a esse quadro de criminalização do Bloco de Lutas, os sujeitos que participaram da pesquisa solicitaram que suas identidades não fossem reveladas, desta forma optei por adotar pseudônimos usando nomes de países que protagonizaram a Primavera Árabe: Egito, Marrocos, Tunísia, Iêmen, Bahrein, Turquia e Síria. Também utilizei a netnografia para analisar o perfil de participantes que confirmaram presença no seminário “Passe livre, Transporte 100% Público e Mobilidade Urbana”¹⁴ e que fizeram comentários na página do evento, demonstrando que participaram da atividade. Apesar das informações obtidas no facebook serem

13Jornalismo B, Bloco de Lutas divulga comunicado sobre perseguição a militantes. Disponível em <http://jornalismob.com/2014/06/05/bloco-de-luta-divulga-comunicado-sobre-perseguiçao-a-militantes/>. acesso em 5 de ago. de 2014

14Programação no ANEXO A.

públicas optamos por dar codinomes, também relacionados a Primavera Árabe (Argélia, Iraque, Jordânia e Líbia), aos sujeitos a fim de preservar sua identidade.

Dos participantes da pesquisa, cinco da entrevista individual, quatro do grupo no facebook do Bloco de Lutas e dois da roda de conversa, dois são graduados em Ciências Sociais e dois estão com a graduação na mesma área em curso, dois são estudantes de ensino médio e um cursa graduação em Políticas Públicas. Cinco já participavam de Movimentos Sociais antes do Bloco de Lutas e atualmente os sete militam em algum movimento. Três têm idade entre 30 e 39 anos, dois entre 20 e 29 anos e dois entre 15 e 19 anos. Os sete são moradores de Porto Alegre, mas apenas dois nasceram na cidade. Seis possuem perfil no facebook e o que não possui revelou que quando quer pesquisar algo utiliza a conta de outras pessoas. Dos quatro perfis pesquisados no facebook, nenhum disponibilizou a idade. Um é arquiteto, um técnico em enfermagem, um é formado em geografia e um não apresentava informações profissionais em seu perfil.

Na roda de conversa um dos objetivos foi identificar o perfil dos participantes, através da pergunta: “O perfil dos participantes (militantes de outros MS, black bloc, coxinha, pessoas independentes) influencia (ou) na participação no Bloco? Por quê?

Lêmen, que iniciou sua militância nas manifestações organizadas pelo bloco, durante a entrevista individual relatou que, assim como ele, algumas pessoas trataram de se engajar e outras permaneceram sem aprofundar o saber sobre política.

“[...] a gente só ganhou militantes, tipo muita gente que antes nunca tinha ouvido falar de política ali, que eu conheço assim bastante gente que começou a participar de ato assim e continuou depois, assim como teve gente que báh só foi lá e depois esqueceu e até fala mal assim das manifestações”. (Lêmen, entrevista dada em 05/11/2014).

Síria relatou que viu muitas pessoas, que classificou como despolitizadas, participando das manifestações que estavam “em busca de adrenalina, pelo sentimento de estar participando”¹⁵. Esse sentimento pode ser explicado pelo conceito de tribos de Maffesoli (2013) onde as tribos seriam caracterizadas como coletivos reunidos pontualmente através de laços afinitários em torno do lúdico, do imaginário, de acontecimentos quotidianos, enfatizando o momento imediato e sem maiores preocupações com contratos futuros. Maffesoli caracteriza o tribalismo

¹⁵Roda de conversa realizada em 7 de janeiro de 2015.

como grupo de indivíduos reunidos por afinidade de interesses que pode ser futebol, religião, festas e, nesse caso, a indignação e a rebeldia, nem sempre consciente.

Observa-se que para Freire, rebeldia e revolução não são sinônimos, para ele a rebeldia precisa ser educada, para que tome, por tanto, dimensões transformadoras, revolucionárias e não tenham um fim em si mesmo (MORETTI, 2010, p.346)

Segundo Sírria (2015), esse tipo de participante não tinha critério para as ações, depedravam o que viam pela frente e esse fato também despertou pessoas oportunistas que viram a possibilidade de saquear o comércio durante as manifestações, isso contribui para o aumento da repressão policial e a imagem negativa do Bloco de Lutas junto a opinião pública. Além disso, a direita fascista também viu a oportunidade de cooptar essas pessoas despolitizadas e se infiltrar nas manifestações (SÍRRIA, 2015). Chauí (2013, p.4) também afirma a falta de informação de alguns participantes das manifestações em São Paulo, que se mostravam contra os partidos políticos e expressavam seu patriotismo cantando o hino nacional e carregando a bandeira do Brasil:

Bastaria que os manifestantes se informassem sobre o governo Collor para entender isso: Collor partiu das mesmas afirmações feitas por uma parte dos manifestantes (partido político é coisa de “marajá” e é corrupto) e se apresentou como um homem sem partido. Resultado: a) não teve quadros para montar o governo, nem diretrizes e metas coerentes e b) deu feição autocrática ao governo, isto é, “o governo sou eu”. Deu no que deu. (CHAUÍ, 2013, p.4).

Argélia publicou na página do evento em 13 de julho de 2014 “o debate com os rodoviários foi ótimo. Em fevereiro de 2014 Argélia postou uma reflexão pessoal que desencadeou uma discussão através dos comentários de sua postagem.

“O brasileiro, num ato heroico, foi às ruas para protestar. As palavras de ordem estremeceram os poderosos. Os espaços públicos foram ocupados pelo povo, clamando por ética política e respeito. As luzes foram acesas: os problemas e seus causadores foram expostos. Querem calar a sociedade criminalizando os movimentos sociais. Doce ilusão, os porões foram abertos!”.

Uma amiga¹⁶ da Argélia comenta a postagem manifestação descrença no potencial das manifestações expresso na postagem e essa mesma amiga, descreve seu olhar sobre o perfil dos manifestantes:

“O mesmo povo que foi "cara-pintada" cresceu e elegeu os que hoje estão aí. A primeira revolução tinha que ser na base: a moral e a educação[em amplo sentido] do povo brasileiro. A mesma pessoa que sai na rua pra protestar é a que deixa pra lá quando cobram a menos na conta do restaurante. O povo exige que o político faça o 'certo' mas , na prática, comete, todos os dias "pequenos delitos". Eu, sinceramente, perdi a fé nesse país...” (Comentário de uma amiga da Argélia no facebook em 27 de fevereiro de 2014).

Argélia concorda com a amiga mas, explica que nesse contexto existe um movimento organizado discutindo esses problemas de forma coordenada. Ressalta ainda que a mudança deve começar em cada indivíduo e refletir no coletivo, mas falta cultura e educação pra isso.

A divisão das manifestações em “legítimas” ou “violentas”, bem como dos manifestantes entre “pacíficos” ou “vândalos”, cria um falso imaginário em setores da sociedade que movidas pelo medo e o preconceito, passa a aceitar o uso da força e da violência sob os “maus manifestantes” de forma, a garantir a “ordem” e punir manifestantes (VIOLA e PIRES, 2014, p.96).

Di Felice (2013) afirma que é normal que a sociedade queira identificar e julgar os movimentos, rotulando-os, pois, a racionalidade hegemônica ordenadora não entende processos não lineares, não hierárquicos que dificultem uma categorização.

Julgar os diversos não-movimentos que nasceram pelas redes (espontâneos e não unitários) é como julgar a emoção e a conectividade orgiástica ('orghia' em grego significa “sentir com”). A democracia do Brasil está passando da sua dimensão pública televisiva, eleitoral e representativa, para a dimensão digital-conectiva. O país está experimentando um orgasmo democrático. A lógica é, como diria Michel Maffesoli, dionisíaca e não ideológica¹⁷ (DI FELICE, 2013).

A imagem dos manifestantes do Bloco de Lutas foi se transformando no decorrer do ano de 2013, no início foram visto como baderneiros, depois revolucionários, essa dificuldade de categorizar o movimento ficou clara quando o

¹⁶No facebook amigo são pessoas adicionadas a rede de um perfil, essas pessoas podem ou não se conhecer pessoalmente.

¹⁷Congresso Internacional de net-ativismo Disponível em <http://netativismo.wordpress.com/2013/11/01/um-orgasmo-democratico/> Acesso: 15 nov. 2013.

jornalista Arnaldo Jabor assumiu ao vivo em uma emissora de rádio¹⁸ que errou ao classificar as manifestações como “anarquismo inútil”. O jornalista voltou atrás dizendo que se tratava de “uma inquietação tardia” motivada por muito mais que vinte centavos.

Além da violência tanto público como privado, antidemocráticos, são adjetivados como um mal que surgiram nas manifestações mais recentes e precisam ser combatidos, pois segundo a mídia e partidos políticos, renunciar ao diálogo vai contra a tradição democrática e não é por esses meios que o movimento social consegue seus objetivos. (SANTOS, 2014, p. 9).

A violência por parte da policia, a violência por parte de manifestantes identificados como Black Blocs - BB também foi marcante nos protestos Os BB são bem conhecidos na mídia europeia e norte americana desde os protestos antiglobalização no final da década de 1990 (como Seattle em 1999 e Gênova em 2001). Rocha (2015, p. 4) explica que BB trata-se de uma tática que tem origem na Europa, deriva de grupos autonomistas com influencias marxistas, feministas, anarquistas e ambientalistas. A tática é agir em blocos de pessoas, mantendo o anonimato, vestindo máscaras e roupas pretas, o principal objetivo é a crítica radical ao capitalismo atacando principalmente símbolos desse sistema e o enfrentamento as forças policiais.

O Black Bloc é um grupo de afinidade se reúne sem uma organização prévia, geralmente estes encontros são marcados pela internet, logo qualquer pessoa disposta pode participar de um Black Bloc. Diferente de outras formas de militância política, que pressupõe a formação dos militantes e que sua ação vai para além da participação em manifestações, onde os militantes participam de debates, organizam manifestos, panfletos, enfim tentam passar a sua perspectiva para outros setores da sociedade.(SANTOS, 2014, p. 10).

A metáfora da tribo, explica o processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa é chamada a representar dentro da tribo (MAFFESOLI, 1998, p. 9), nesse sentido o perfil dos BB também foi importante para o Bloco de Lutas, eles também tinham o papel dentro do movimento.

18 Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm>. Acesso em: 15 out. 2014.

“Nos atos tinha gente que fazia cordão de isolamento, tinha equipe de segurança, tinha as pessoas que até, inclusive, chutavam as bombas de volta “pra” polícia. Então tinham pessoas que faziam frente tem algumas coisas que não pode ser só... que não eram só as pessoas organizadas em coletivos, organizações e partidos, etc., mas que eram as que “tavam” afim” (Tunísia, 2013).

Os perfil dos participantes da pesquisa demonstra que os mesmos exercem uma participação engajada nas lutas sociais, comprometidos com uma mudança de realidade, e até mesmo os black blocs, com a coletividade, ao menos naquele momento. A maioria dos sujeitos pesquisados possui formação superior na áreas das Ciências Humanas o que pressupõe interesse e engajamento em questões sociais.

Ao analisar o perfil dos militantes do bloco é importante considerarmos os grupos que compõe esse coletivo, pois os indivíduos que fazem parte desses grupos carregam suas bandeiras ideológicas. Em virtude de a convivência no bloco por vezes gerar conflitos entre essas diferentes ideologias, concepções e princípios, alguns grupos se afastaram, ou foram convidados a se retirar do bloco.

Na busca realizada nos arquivos do bloco, facebook e meios de comunicação em geral, foi possível observar que os partidos políticos que compõe o Bloco de Lutas são de esquerda como o PSOL¹⁹, PCO²⁰, PCB²¹ e PSTU²² o PT chegou a fazer parte mas foi expulso por decisão da assembléia do bloco que debateu a contradição de o Partido dos Trabalhadores compor o bloco ao mesmo tempo que o atual governador, Tarso Genro do mesmo partido comanda uma Brigada Militar que atuou de forma violenta e violou os direitos humanos.

Além desses partidos compõe o bloco o coletivo Juntos que se descreve como um movimento nacional de juventude indignada; o movimento contestação o Levante Popular da Juventude que é um organização de jovens voltada para a mobilização popular pela transformação social.

A Federação Anarquista Gaúcha – FAG , Tendência Estudantil de Resistência Popular e a Frente Autônoma têm princípios anarquistas e libertários como democracia direta e solidariedade. Além desses a “Cambada de Teatro Levanta

¹⁹Partido Socialismo e Liberdade

²⁰Partido da Causa Operária

²¹Partido Comunista Brasileiro

²²Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados

Favela” e o Assentamento Urbano Utopia e Luta também pregam princípios libertários como a autogestão.

O movimento estudantil também se faz presente no bloco através do Grêmio Estudantil do Julinho (Colégio Estadual Julio de Castilhos), DCE da UFRGS²³ e da PUCRS²⁴, assim como o movimento sindical como o CPERS e o Sindicato dos Rodoviários.

De fato é difícil definir exatamente, quais são os grupos que compõe o bloco, pois as atividades são divulgadas abertamente e qualquer pessoa, que tenha afinidade com a causa, pode participar. Tem ações conjuntas como outros movimentos como o Comitê Popular da Copa, e em vários momentos o bloco convoca os movimentos sociais em geral para somar. Na ocupação da câmara, por exemplo, os movimentos dos povos indígenas e quilombolas atenderam a este chamado.

De forma geral o que une participantes do Bloco de Lutas é o desejo de mudanças sociais, um posicionamento político de esquerda, a mobilização popular e a solidariedade, essas características parecem estar muito presente e agregam tanto tribos, quanto movimentos sociais organizados. Além disso, a tolerância é fundamental para o convívio entre as, ainda que muito próximas, diferentes concepções

5.2 As dimensões educativas do Bloco de Lutas pelo Transporte público Porto Alegre

Para realização desta análise adotei a Educação Popular como concepção, pois esta pedagogia é comprometida com a realidade assumindo na sociedade posição de anúncio e denúncia (STRECK, 2008, p. 80), objetivando a conscientização dos sujeitos, a práxis, e a emancipação.

Segundo Freire (1980) a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão, esta atitude crítica não termina jamais, e o

²³Universidade Federal do Rio Grande do Sul

²⁴Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

compromisso com a realidade deve ser permanente já que esta se apresenta em constante transformação.

Pressupõe-se que participação seja um fenômeno ou processo constitutivo da condição humana, que ela tem a ver fundamentalmente com a dignidade de mulheres e de homens, pelo fato de ser pessoa, de ser criativo, livre, responsável, o ser humano vem dotado de uma vontade ontológica de participação. Não se trata de uma verdade que pode ser ou não ser. Essa vontade é intrínseca. (STRECK, 2005, p. 91),

Segundo Streck (2005) na concepção freiriana, participação é sinônimo de engajamento pela humanização, o que não for isso é “pseudoparticipação”. Desta forma, a participação em um movimento social pressupõe uma tomada de consciência da realidade e o movimento social deve contribuir para a ampliação da consciência do papel político social dos sujeitos, esta contribuição pode acontecer através de momentos de formação, intencionais ou não, promovidos pelos movimentos Sociais, ou ainda através da própria participação em ações diretas como os protestos de rua por exemplo.

Assim, como já relatamos no capítulo três realizamos a análise com base nos indicadores do quadro abaixo.

Quadro 2 – Indicadores de participação na perspectiva de Streck

Indicador	Características
Comprometimento com a realidade	Participação no Bloco motivada pelo anseio de mudança Permanência na luta pelas causas sociais e/ou populares
Autonomia	Participação autônoma, voluntária, não tutelada;
Realização/ cidadania	Manifestação de sentimento de dever cumprido, que ter participado daquele momento foi importante;

Fonte: Dados elaborados pela autora (2014).

5.2.1 Comprometimento com a realidade

Entendemos que o comprometimento com a realidade é um indicador de conscientização desde que implique engajamento em lutas que contribuam para a transformação dessa realidade. Assim, buscamos nas entrevistas individuais, que indagam sobre as motivações para participar de MS, elementos que demonstrem o engajamento dos participantes da pesquisa.

Dos cinco entrevistados individualmente, dois não militavam antes das manifestações de 2013, ou seja, iniciaram a participação em movimentos sociais no Bloco de Lutas. Nas entrevistas eles relatam que a principal motivação foi a injustiça que gerou revolta e os motivou a participar, unir força, pois se identificaram com aquela causa.

“Ah, o que me motivou foi, a luta assim, por causa que chega um ponto que tu não não pode mais, mais aceitar as coisas que fazem contigo, que as coisas que te oprimem no dia-dia, assim, tu aceita um monte de coisa calado e eu até ...bah “pra” mim foi uma surpresa mesmo por causa que eu nunca “ia” esperar, que, assim, na minha vida... que essas coisas “iam” acontecer, assim “pra” mim foi bah, foi uma novidade a “fu” mesmo, assim. E daí eu comecei a ver, me envolver, comecei a conhecer as pessoas ali no meio e vi que as pessoas eram, eram assim... como é que eu vou te dizer... eram “cabeça”, assim, “pra” frente, assim, eu vi que aquilo lá era o certo, vi que eu estava lutando e eu “tava” pelo certo e daí eu quis me envolver e me engajar nisso”. (Bahrein, entrevista dada em 05/11/2014).

A dinâmica da vida nos centros urbanos marca a juventude e a coloca em movimento e apesar dos direitos civis e políticos estarem garantidos na constituição, esses jovens ainda vivem em um contexto de desigualdade social. Cartazes denunciando a discriminação de gênero e condição social expressam a insatisfação com essa realidade e o desejo de mudança, esse mesmo desejo é o que impulsiona mais jovens a participar de movimentos sociais.

“[...] foi, que teve aquele tatu ali, ..., dai báh eu vi o seguinte o negócio é a maior brutalidade. O negócio ali é o seguinte um monte de “pinta armado” preparado, cheio de escudo, batendo em um monte de cidadão que seguinte, tão fazendo o negócio por todo mundo, entendeu? Daí báh me deu uma revolta assim, aí eu comecei a participar mais, mas só pra ir ver, tava junto ali... E aí eu comecei a ir me ligando nisso daí, li um livro aqui, vi uns documentários e tal e foi me incentivando a participar mais dessas coisas assim, tipo eu via que o pessoal que tava ali envolvido era o pessoal que tinha a mesma ideia que eu, aí isso aí foi me incentivando mais”. (lêmen, entrevista dada em 05/11/2014).

Os outros três entrevistados já possuem um histórico de militância também relataram que o que os motivou a iniciar um engajamento foi principalmente a injustiça, seja no contexto estudantil ou de trabalho. Por já serem engajados, analisei as repostas desses três sujeitos sobre a motivação para participar do Bloco de Lutas.

“Olha, é aquela coisa, eu acho que eu sempre, sempre não, mas de 2008 pra cá, como eu tinha dito assim, eu onde havia luta eu procurava me inserir

de alguma forma, tentar auxiliar da melhor forma que eu encontrasse assim né, me colocava a disposição, participava, Ah, já tava na universidade, já tinha um certo acúmulo de conhecimento teórico, um certo acúmulo de conhecimento social, pessoas que eu já conhecia há um certo tempo . então é como se fosse algo natural, a luta tava acontecendo, o pessoal chamou, vamo cola junto entendeu? E segue sendo até hoje assim, tipo onde houver uma luta a gente vai na medida do possível chegar junto assim”. (Egito, entrevista concedida em 04/11/2014).

A esperança de refazer o mundo é indispensável na luta dos oprimidos e das oprimidas (FREIRE, 1992, P32) e o saber gerado das vivências de militância gera inquietação que mobiliza os sujeitos a reivindicarem mudanças, esse processo é progressivo e permanente.

“O Bloco é como tarefa política né, como militante, eu sou uma militante organizada né, acho que essa é um pouco a diferença de hoje, de ver quem estava lá e foi na vontade no calor da emoção. Eu vou “num” ato que se tivesse cem eu iria, se tivesse cinqüenta, como se tivesse dez mil, quinze mil, que ainda bem que teve, nós iríamos Eu e nós né, como coletivo Contestação, fomos de forma organizada, porque eu não vou como indivíduo né, eu vou como coletivo”. (Tunísia, entrevista concedida em 31/10/14).

O militante engajado pode ser considerado um trabalhador social dispostos a trabalhar com outros sujeitos na estrutura social e juntos construir uma nova estrutura.

“Nesse grupo, nesse coletivo que eu faço parte, fazem parte outras pessoas que têm atuação ou já atuam há bastante tempo discutindo a pauta do transporte coletivo em Porto Alegre. Começaram a construir esse espaço juntos, então, eu tomo conhecimento a partir da discussão coletiva que a gente faz e que eles vão trazendo essa... relatos, informam como vem se dando essa construção, os atos que vão sendo construídos, manifestações, etc”. (Marrocos, entrevista concedida em 29/10/2014).

Em todas as falas podemos perceber a participação voluntária, engajada e o comprometimento com a luta por mudanças. A autonomia também pode ser percebida, seja no movimento feito pelos iniciantes Bahrein e lêmén que ao se identificar com a luta se aproximaram participaram e se engajaram; seja na ação motivada pelos coletivos dos quais o Marrocos e a Túnísia relatam fazer parte. Em todas as falas percebo que os sujeitos estão apropriados das informações, falam com segurança sobre o que vivenciaram no Bloco de Lutas, demonstrando um sentimento de realização, de que aquele momento foi importante para ele e para a sociedade como um todo.

“Eu posso dizer que há um antes e um depois de 2013, na minha vida por exemplo assim né. Porque eu achei que nunca ia viver pra ver o que eu vi e vivi assim né, de tamanha incidência né, então pra mim o Bloco... Não o Bloco sabe, o Bloco é, como eu disse como se fosse um método, como se fosse o espaço onde se criou experiências riquíssimas assim né, de autogestão de solidariedade, de luta conjunta, de amores e desamores, de peleia, de perseguição, todas essas coisas assim não tem como dizer que é igual né. E nossa, não teria como enumerar quantos aprendizados foram, assim. Acho que uma síntese dos aprendizados e dizer que a minha vida é uma antes e uma depois assim né, do que foi 2013”. (Marrocos, entrevista concedida em 29/10/2014).

Os cinco entrevistados afirmam que continuam militando em seus coletivos, sindicatos e partidos políticos. Iêmen e Bahrein através do Bloco de Lutas se engajaram no movimento Tendência Estudantil de Resistência Popular e seguem participando ativamente das ações desse movimento. Dessa forma, o fato dessas pessoas se manterem na luta indica práxis, onde o indivíduo se torna sujeito e passa a atuar sobre o mundo que o rodeia (ROSSATO, 2010, p. 325) opondo-se a ideia de alienação e domesticação.

5.2.2 Espaços de formação

Ao assumir que existe um processo educativo em espaços não institucionais, reconhecemos a existência de uma concepção de educação que não se limita ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico (GOHN, 2012, p. 21). Assim perguntamos, na oitava e na nona pergunta do questionário individual se os sujeitos haviam participado de algum espaço de formação fora o ato, manifestação em si. Todos entendem a própria mobilização como espaço formativo como relata Marrocos:

“Pra além das próprias mobilizações e assembléias que já são momentos de formação, acho que dá pra entender como espaço de formação. Principalmente quando é um momento que tu entra em confronto com a polícia, uma repressão que no ano passado aconteceu muito assim. Tu não ter uma repressão corpo a corpo, mas tu estar na rua e estar vendo um aparato repressivo às vezes com proporções grandes e estar tomando bomba de efeito moral e gás lacrimogênio na cabeça, isso é bem formativo assim e estar convivendo com as pessoas, e estar vendo diversas reações e estar sendo um momento pontual de solidariedade nesse momento, acho que isso é bem formativo”.

Segundo Gohn (2012, p. 56), o educativo surge de diferentes fontes de saber, é autoconstruída a partir das ações do movimento social. Egito destaca os vários atores que são importantes em uma manifestação, mas por vezes invisibilizados e destaca o potencial papel de mediador pedagógico desses atores, pois mesmo sem intencionalidade sensibiliza, gera vincula e aprendizagem através de suas ações, orientações e da postura dialógica.

“[...] pessoas invisíveis assim, entre aspas, sabe, que acabam contribuindo pra esse movimento todo. Nas ruas, nas marchas, entendeu?, Tipo sempre tiveram pessoas lá contribuindo, conversando com a população, dialogando, falando com o pessoal no trânsito, chamando autodefesa, resistindo na hora que a polícia botava toda a truculência pra fora, pessoas que na hora do pega, pessoas que tu nunca viu, mas naquele momento o cara é... sabe, ele tá ali tipo contigo, entendeu? Então, na hora que o bicho tá pegando a solidariedade, o apanhar junto, isso é uma coisa que cria vínculos muito relevantes assim, sabe. Tu, tu ajudar uma pessoa que tá apanhando ou apanhar junto com alguém, ou ser preso junto com alguém, sabe, isso cria vínculos que tá pra além do que os conceitos podem abarcar assim sabe, que é a experiência da luta mesmo, assim né”.

Além disso, os entrevistados reconhecem a realização de assembléias e reuniões como espaço de formação, além das aulas públicas. Gohn (2012, p.23) afirma que a vivência cotidiana nos MS leva ao acúmulo de experiências e essas experiências do passado e do presente são referência para a construção do futuro

Tunísia destaca a ocupação da câmara de vereadores como principal vivência de aprendizado, onde várias teorias como autogestão foram colocadas em prática. A mesma afirma que a vivência foi intensa, com assembléias diárias, reuniões dos diferentes grupos de trabalho e relata uma aula pública da qual participou.

“A gente teve um dia de grupos onde debatemos vários temas, entre eles: passe livre, transportes cem por cento “público” né, e a tarifa zero, então “teve” grupos que elaboraram política e propostas e depois, também, começamos a fazer uma mesa de debate muito boa, chamamos o Schmitão né, o professor Luís Carlos Schmidt, que é da economia da UFRGS, morou em Paris, tem todo o conhecimento e trabalho sobre transporte público na Europa, então ele, deu uma “aula” enfim né, um debate, a gente fez com ele e com o Venceslau Weber e o Afonso, que era da oposição rodoviária, que é esse pessoal que eu falei antes que fez a greve, e o Ricardo Antunes que é do TCE, do Tribunal de Contas, que, inclusive, a gente conseguiu ele “pra” participar porque ele é um dos auditores que “tavam” fazendo a relatoria do Tribunal de Contas sobre a questão do aumento de passagens, foi bem legal assim, foi formação política “pra” valer”.

Na enquete lançada no grupo do bloco no facebook sobre os espaços que proporcionaram mais aprendizado, em quatro dias não houve nenhuma resposta, apenas três curtidas, que pode-se entender como ato de aprovação, no entanto por algum motivo não respondeu a enquete. Discutiremos essa limitação da pesquisa no subcapítulo 4.3 que trata das contribuições e limites das mídias sociais

Foi possível identificar como quatro espaços de formação dentro do Bloco de Lutas: manifestações ou protestos, assembléias, ocupação da câmara e as aulas públicas. Em todos esses espaços a aprendizagem é conduzida pela vivência em grupo, a partir das experiências vivenciadas. A Pedagogia dos Movimentos Sociais e tem princípios muito próximos aos da Educação Popular, se não os mesmos, “cumpre-se destacar portanto, duas questões: a educativa e a pedagógica. A educativa é um processo cujos produtos são realimentadores de novos processos. A pedagógica são os instrumentos utilizados no processo” (GOHN, 2012, p. 24).

A Pedagogia dos Movimentos sociais promove aprendizados como: decodificar o porque das restrições e proibições, acreditar no poder da fala e das idéias, quando expressas em ocasião e lugar adequados. Aprende-se a recuar quando a situação é adversa. Aprende-se a criar códigos específicos para solidificar as mensagens e bandeiras de luta como músicas e panfletos e aprende-se, principalmente, a não abrir mão de princípios que balizam os objetivos do movimento.(GOHN, 2012, p. 23).

5.2.3 Sentimento de realização e exercício da cidadania

Na concepção de educação popular, cidadania compreende a apropriação da realidade para nela atuar participando permanentemente no sentido da emancipação. Compreender a realidade implica consciência de sua situação e de seus direitos e deveres como ser humano. Nesse sentido procuramos identificar a partir dos instrumentos utilizados na pesquisa elementos que demonstrem que os sujeitos sentem-se realizados por ter participado de alguma ação do bloco ou ter produzidos algum material ou ainda, ter mobilizado mais pessoas, exercendo sua cidadania emancipada.

Buscamos nas entrevistas individuais a questão onze, que provoca o sujeito a avaliar se as ações de 2013 valeram a pena, Marrocos declarou que avalia que sim e que a ação do bloco motivou as manifestações em outras cidades.

“Eu acho que em Porto Alegre, o Bloco de Lutas pela maneira que se construiu desde o início do ano, com uma articulação mais madura foi um dos elementos que fez a coisa estourar e acho que foi uma experiência política, apesar de momentânea, em curto espaço de tempo, acho que foi muito intensa, essa experiência por si só fez muitas pessoas se interessarem em estar participando, em estar discutindo política, estar pensando diferente, como vai ser daqui pra frente eu não sei, mas acho que foi muito positivo”. (Marrocos, 2013).

O ato de ocupar a câmara de vereadores que é um espaço de construção de leis do município e fiscalização dos gastos da prefeitura e atos do prefeito, é simbólico, demonstra a descrença na democracia representativa na qual o movimento não se sente representado, não se espera o cumprimento de promessas, organizam-se táticas e estratégias para a obtenção dos direitos sociais (GOHN, 2012, p. 22). Iraque postou no evento do seminário realizado na ocupação da câmara de vereadores.

“Essa Câmara nunca esteve tão bem representada;bloco de luta;tarifa zero...transporte publico ,abertura das contas das empresas,transporte publico 100% publico...e quem vai pagar as contas são os ricos!!!” (Iraque 13 de julho de 2013).

Essa frase demonstra sua segurança de estar no lugar certo, fazendo a coisa certa, tensionando a democracia. Esse fato indica o sentimento de realização em estar participando daquela atividade.

O movimento *occupy*, que aconteceu em cidades do mundo inteiro, tem como princípio a democracia radical. Pode ser entendido como uma defesa de que todas as pessoas tenham o mesmo acesso a recursos e a espaços de participação das decisões da sociedade, especialmente as que as afetam (PESCHANSKI, 2012, p. 28).

Jordânia postou em seu perfil no facebook uma imagem de Milton Santos com a seguinte frase: “Professor de geografia não ensina, forma cidadãos” demonstrando que além de exercer sua cidadania participando do movimento, está comprometido, enquanto professor, com uma educação que leve a cidadania emancipada. Freire (2011, p. 47) aponta em *Pedagogia da Autonomia*: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a própria produção ou a sua construção.”

Para Freire (1980, p. 30) é natural que as ações libertadoras tratem de mais de uma demanda, pois o debate ou até a superação de uma demanda implica no desvelamento de uma nova realidade que apresenta novas demandas dando continuidade ao processo de conscientização, esse processo pode ser observado na fala de Egito:

“E ali se atravessou muitas relações, muitas questões assim, sabe, tipo junto com a luta do Bloco aí veio junto a luta da educação, os educadores, e criou uma comissão de educação sabe, e daí outras demandas que começaram a surgir na cidade e tudo era o Bloco, sabe, as pessoas começaram a reconhecer o Bloco tipo "ah, o Bloco me representa" e tal, então o Bloco assumindo várias pautas que não eram necessariamente a pauta do transporte público, que é o que ele se propõe no início” (Egito, 2013).

A fala de Egito também demonstra um dos requisitos para uma educação emancipadora apontados por Tonet (2005), a articulação das ações educativas com os Movimentos Sociais.

Na medida em que a educação é uma atividade com uma especificidade própria, sua contribuição mais importante para a transformação da sociedade não é externa a ela (educação), mas interna. Quer dizer, a atividade educativa é tanto mais emancipadora, quanto mais e melhor exercer o seu papel específico. Este consiste em possibilitar, ao indivíduo, a apropriação daquelas objetivações que constituem o patrimônio comum da humanidade. O que implica, obviamente, a luta pelas condições que permitam atingir o mais plenamente possível este objetivo. (TONET, 2005, p. 152).

Esse indicador, sentimento de realização e cidadania, pode ser percebido em todo o capítulo 4 dessa pesquisa, nas entrevistas, na roda de conversa e nas postagens extraídas do facebook, em todos esses instrumentos encontramos esse indicador, através das palavras e do brilho nos olhos (que não é possível reproduzir nesse trabalho) dos entrevistados ao relatar a experiência.

5.3 Contribuições e limites das Mídias Sociais

A questão dos potenciais e as dificuldades da utilização das mídias sociais pelo Bloco de Lutas foi debatida na roda de conversas e os sujeitos avaliaram que a página no facebook é fundamental para divulgar e mobilizar as pessoas, além de ser um espaço informativo onde também é possível anexar documentos, textos, etc. Ao

mesmo tempo o grupo avaliou que a informação é disponibilizada e muitas vezes há discussão, mas sem aprofundamento.

De um lado, vozes e cartazes em busca de direitos, de outro, corpos protegidos e armas em busca de silenciamento. Entre eles uma mídia hegemônica as vezes indefinida, às vezes escusa dispostas a repetir manchetes e pré-conceitos formados desde muito tempo. Nas manifestações recentes, ao contrarrio das do século passado já se pode encontrar formas alternativas de mídia (VIOLA e PIRES, 2014 p. 84).

As mídias sociais contribuem para a democratização da informação e o debate coletivo, mas Assman (2000) recomenda cautela com o conceito de “sociedade da informação”, pois segundo o autor, esse termo refere-se a presença generalizada das tecnologias da informação e da comunicação em nossa sociedade, pois, por vezes os termos “sociedade do conhecimento” e “sociedade aprendente” são utilizados como sinônimos de “sociedade da informação”.

O conceito de informação admite muitos significados. O passo da informação ao conhecimento é um processo relacional humano, e não mera operação tecnológica. Em primeiro lugar, é fundamental estabelecer uma distinção clara entre dados, informação e conhecimento. Do nosso ponto de vista, a produção de dados não estruturados não conduz automaticamente à criação de informação, da mesma forma que nem toda a informação é sinônimo de conhecimento. Toda a informação pode ser classificada, analisada, estudada e processada de qualquer outra forma a fim de gerar saber. Nesta acepção, tanto os dados como a informação são comparáveis às matérias-primas que a indústria transforma em bens. (ASSMAN, 2000, p. 8)

Segundo Saccol, Schlemmer e Barbosa (2010), a informação pode ser transmitida, utilizada, manipulada e transformada. O aprendizado ocorre quando a partir da interação com o meio o sujeito se modifica.

A informação tomada como fator externo perturbador, representa apenas um dos elementos necessários à aprendizagem. Embora tenha por função perturbar a estrutura cognitiva do sujeito, ela sozinha, não consiste em aprendizagem. São fundamentais os processos como a ação, a interação dos sujeitos sobre e com a informação, de modo que o sujeito possa assimilá-la, acomoda-la, adapta-la, construindo uma nova estrutura ou ampliando as existentes. (SACCOL, SCHLEMMER e BARBOSA, 2010, p. 7).

Nos arquivos postados no grupo do Bloco de Lutas no facebook encontramos alguns materiais informativos como encaminhamentos de assembléias, panfletos

sobre os atos²⁵, notas públicas emitidas pelo bloco²⁶, projetos de lei sobre transporte público, artigos de jornais e entrevistas relacionadas a causa do bloco, e materiais que visavam orientar os manifestantes sobre como reagir no momento do ato em caso de spray de pimenta.

Um arquivo em especial chamou atenção tanto pela quantidade de curtidas, vinte sendo que a média de curtidas em arquivos postado fica em torno de oito, quanto pelo conteúdo “Carlos Marighella : manual do guerrilheiro urbano” esse arquivo esse tipo de arquivo tem caráter formativo e educativo, no entanto uma mediação pedagógica poderia potencializar seus resultados.

O simples acesso a informação, seja um manual ou uma cartilha, não se garante aprendizagem. Demo (2001, p.21), afirma que “aprender²⁷ é estratégico para não sermos massa de manobra nas mãos dos outros ou do ambiente hostil”. Entre informação e conhecimento há um processo educativo e a mediação pedagógica estrategicamente planejada é importante para mobilizar e provocar essa ação que leva a aprendizagem.

A mediação pedagógica é compreendida como um movimento construído na relação dialógica que se estabelece a partir da interação constante entre educadores, educandos e diferentes meios utilizados para desenvolver os processos de ensino e de aprendizagem. (SACCOL, SCHLEMMER e BARBOSA, 2010, p. 76).

A mediação pedagógica fomenta a problematização da informação, possibilitando que o sujeito reflita sobre ela e a signifique. Esse processo se caracteriza pela interação permanente e continuada e não pelas simples troca de mensagens isoladas. Para Adams (2010), “a educação pode ser compreendida como uma atividade humana, socializadora, mediada pela experiência, onde educador e educando estão situados numa práxis social em que os acontecimentos históricos adquirem um potencial de mediação pedagógica”.

Assim cabe refletir sobre a utilização das mídias sociais pelos MS, se através delas é possível estabelecer uma “relação dialética entre os sujeitos, se contribuem para a leitura do mundo com clareza política e o engajamento nos processos de

²⁵ANEXO B

²⁶ANEXO C

²⁷Pedro Demo defende a idéia de aprendizagem reconstrutiva e política que implica em superar a pobreza política ou ignôncia, saber mudar-se e mudar o meio de forma criativa e dinâmica (DEMO, 2001, p. 20).

mobilização e de organização para a luta em defesa de direitos e transformação social.

A questão sobre os potenciais e limitações da utilização das mídias sociais pelo bloco também foi lançada no grupo do facebook e, assim como na enquete, em quatro dias nenhuma resposta e três curtidas. Acredito que uma das explicações é que o grupo do facebook desde o final das mobilizações contra a copa do mundo diminui suas atividades e interações coletivas, houve um volume significativo de atividades organizadas por grupos que compõe o bloco, mas de forma isolada. Houve a tentativa de organizar um jornal do bloco, mas não houve corum conforme um participante postou em seu perfil:

“Que triste ver no que virou o Bloco de Lutas. Um vazio, deserto político, onde a resignação tomou conta, onde as eleições se tornaram prioridade pra maioria (se não todos os partidos). Espaço pra burocracia e seus burocratas dirigentes de ilusões patéticas. Muito bla bla bla revolucionario ..pena o jornal podia ficar bem massa.A luta contra a máfia do transporte sera feita com xs imprescindiveis. Arriba la lucha...Após desabafo...retornarei com a critica mais objetiva...” (Postado no perfil de um participante do bloco em 15 de setembro de 2014).

Outra questão que pode ter influenciado a não adesão à pesquisa lançada no facebook pode ser o fato de muitas pessoas não se sentirem militantes do bloco, mas sim dos coletivos e grupos que o compõe e desta forma não se sentem a vontade para responder em nome do bloco. Identifico este fato como uma limitação da mídia social na pesquisa, nesse caso uma mediação que pudesse contextualizar mais a pesquisa e seus objetivos poderia ter contribuído para que os participantes do grupo respondessem as perguntas.

Castells (2003, p. 225) expressa a dualidade do ciberespaço: “A internet é de fato uma tecnologia da liberdade – mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados”, esse fato não é novidade na nossa sociedade. Sem dúvida um dos potenciais das mídias sociais é a divulgação de informações de forma democrática. Conforme os participantes da pesquisa, no caso do Bloco de Lutas, o facebook foi, e ainda é, fundamental para informar-se sobre as pautas, ações e para mobilizar militantes. No entanto também serviu para identificar os militantes e persegui-los como citado anteriormente. Além disso, limita-se ao acesso à informação sem garantia de aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES

A apatia dos movimentos sociais desde a década de 1990 pode ser, em parte, atribuída às conquistas alcançadas com a Constituição Federal de 1988 e a abertura para participação da sociedade civil em espaços de construção de políticas públicas e controle social. Também contribuiu para a crise dos movimentos sociais a falta de renovação, na medida em que muitas lideranças passaram a ocupar cargos públicos em governos de partidos democráticos ou simplesmente afastaram-se dos movimentos sociais.

As manifestações ocorridas no Brasil, em 2013, lembraram para quem já vivenciou, e ensinaram, para quem nunca tinha visto, o poder das ruas, da mobilização popular, da coletividade. As manifestações de 2013 sinalizaram o caminho que leva à saída da perplexidade, apatia e individualismo. Viola e Pires (2014, p. 97) expressam bem esse ponto de vista:

A juventude que retoma as ruas e confronta o aparato repressivo, mesmo ao preço de perseguições infames e inquéritos forjados dignos de filmes hollywoodianos, que serviram à ideologia da guerra fria, faz, mais uma vez – talvez sem perceber – uma ruptura com o mito do povo cordial, pacato, ordeiro, dócil e pacífico. Esse homem cordial que nunca existiu, a não ser no imaginário das elites nacionais, desaparece de vez em episódios como a Cabanagem, Balaiada, em Canudos ou no Araguaia.

O ano de 2013 está marcado na história política do Brasil como mais um momento em que a população saiu às ruas para reivindicar, entre outras pautas, direitos, participação e respeito. Contudo, esse novo capítulo da história brasileira traz uma característica nova, a utilização das mídias sociais. “Essa tecnologia que inicialmente era o “feitiço” mercantil e deveria funcionar como diversão alienadora acabou “se virando contra o feiticeiro” e converteu alienação em ação”. (VIOLA e PIRES, 2014, p.99).

No caso do Bloco de Lutas, o *facebook* foi a mídia mais utilizada e reconhecida como importante meio de comunicação e mobilização entre os participantes do movimento. Além disso, o *facebook* se apresentou como uma fonte de informação alternativa às grandes redes de comunicação. As manifestações de

2013 ocorreram no cenário de cidades-ciborgues²⁸ onde os fatos são publicados e compartilhados instantaneamente, possibilitando o confronto com as informações emitidas pelos meios de comunicação das grandes corporações. De fato as mídias sociais têm um amplo poder de disseminar informação, no entanto essa informação precisa ser refletida e aplicada de alguma forma que gere mudança na vida dos sujeitos para que haja conscientização. Já dizia Freire (1987) na Pedagogia do Oprimido “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, reconhecendo à importância da mediação pedagógica. E nesse sentido, apesar da qualificação do uso já alcançado, as mídias sociais deixam a desejar, pois, estar informado não significa estar conscientizado.

Apesar de as mídias sociais não garantirem uma reflexão sobre as informações, encontramos no decorrer da pesquisa, militantes engajados com uma compreensão crítica da realidade social o que revela um processo de conscientização. Através dos instrumentos utilizados na pesquisa identificamos indicadores de conscientização como autonomia, realização/cidadania e comprometimento com a realidade. Todos os participantes da pesquisa tinham clareza dos objetivos do Bloco de Lutas e mesmo passado mais de um ano das manifestações, os mesmos se mantiveram envolvidos com as causas sociais; ou seja, com a mudança da realidade de opressão, injustiça e violação de direitos. Essas também foram as principais motivações que levaram os sujeitos da pesquisa a participarem do Bloco de Lutas. Contudo, os participantes reconhecem que nas manifestações havia pessoas que ali estavam pelo impulso, pela indignação sem reflexão. Algumas dessas pessoas, como dois dos entrevistados, iniciaram sua militância em 2013 no Bloco de Lutas, mas se engajaram em outro movimento para estudar e qualificar suas ações e engajamento. Mas outras pessoas não seguiram o mesmo caminho e se desmotivaram.

No início das manifestações de 2013, muito se questionou se o Bloco de Lutas e o MPL eram de fato movimentos sociais, pois não apresentavam lideranças, relação direta com partidos políticos, enfim tratava-se de uma nova forma de organização se comparada com os movimentos sociais tradicionais. No entanto

²⁸Segundo Lemos (2004, p. 132) a cidade-ciborgue é a cidade contemporânea permeada por espaços de fluxo de informações digitais planetárias e suas diversas tecnologias ligadas por redes telemáticas.

podemos observar que trata-se, sim, de um movimento social pois é um grupo de pessoas reunidas ao redor de uma demanda popular que se utiliza de diferentes estratégias para reivindicar essa demanda. Além disso o movimento demonstra preocupação com a formação dos participantes para que todos participem do debate e encaminhamento das pautas. O bloco também proporcionou experiência social aos seus participantes seja na ocupação da câmara de vereadores de Porto Alegre

Segundo Freire (2003) os movimentos sociais tem como de suas funções a de serem “parteira” da consciência. Acreditamos que esse “trabalho de parto” da consciência se dá a partir da formação que se dá pelo processo de participação. A ocupação da câmara de vereadores proporcionou aos participantes do Bloco de Lutas uma experiência de convivência e autogestão, apontada pelos entrevistados, como única e que proporcionou muitos aprendizados, certamente nessa experiência algumas consciências foram partejadas.

Nessa pesquisa nos desafiamos a utilizar a netnografia como um dos instrumentos da pesquisa dentro da metodologia de sistematização de experiências. As informações obtidas através da análise do grupo do Bloco de Lutas no facebook, evento do seminário realizado durante a ocupação da câmara e perfil de participantes do grupo na mídia social, enriqueceram a pesquisa, principalmente quando as dificuldades encontradas para a realização da roda de conversa. No entanto as perguntas lançadas diretamente no grupo do facebook não tiveram resposta e esse silêncio desperta interesse sobre possíveis motivações.

Soma-se a esta questão o interesse em aprofundar o estudo e aproximar a, netnografia de outras metodologias de pesquisa como a sistematização de experiências. Devido as dificuldades de agendas, por exemplo, uma roda de conversa poderia ser realizada pelo bate-papo do facebook, onde várias pessoas podem conversar? Além de contribuir para as ações dos movimentos sociais, de que forma as Mídias sociais podem contribuir para a realização de pesquisa acadêmica? Não podemos deixar de citar a questão dos participantes que se limitam às ações nas mídias sociais e os limites de uma mediação pedagógica. Nesse sentido levantamos outra questão para estudos futuros, quem educa a participação nas mídias sociais?

Consideramos que a “Pedagogia dos Movimentos Sociais” é a pedagogia das vivências e estas proporcionam o aprendizado da tolerância às diferenças, da importância da coletividade, da formação constante, do compromisso com a

realidade para que as injustiças possam ser identificadas, denunciadas e combatidas. A pedagogia dos movimentos sociais educa para que esse processo não acabe nunca se utilizando de diversas metodologias entre elas as mídias sociais e os protestos de rua. Nesse sentido entendemos que essa pedagogia está presente no Bloco de Lutas, pois apesar das ações em 2014 terem sido reduzidas, o ano de 2015 se inicia com manifestações contra o aumento da passagem em várias cidades do país, entre elas, Porto Alegre; e esta organizada pelo Bloco de Lutas, iniciando com uma aula pública intitulada “Por quê lutar contra o aumento?”. O bloco segue lutando defendendo essa pauta e trabalhando para a conscientização e mobilização de antigos e novos militantes comprometidos com a realidade.

REFERÊNCIAS

- ABELLA, Leticia Beatriz Gambetta. **O discurso dos tuiteiros**: uma análise crítica da construção identitária coletiva e do empoderamento cidadão. 2012 130 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em estudos da linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte Rio Grande do Norte, 2012.
- ADAMS, Telmo. **Educação e economia popular solidária**: mediações pedagógicas do trabalho associado. Aparecida: Idéias & letras, 2010.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. *Revista FAMECOS*, n. 20, 2008, p. 34-40.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009
- ARROYO, Miguel. Pedagogia das relações de trabalho. **Trabalho e educação**, Belo Horizonte, n.2, ago/dez, 1997.
- _____. Pedagogia em Movimento. **Currículo sem Fronteiras**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p. 28-49, 2003.
- ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, 2000.
- BAZTÁN, Aguirre. **Etnografía. Metodología cualitativa em La investigación sociocultural**. Barcelona: Editorial Boixareu Universitária, 1995.
- BATISTA, Jandre Correa. **Apropriações ativistas em sites de redes sociais: cartografia das ações coletivas no twitter**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul – PUC/RS, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense:1993. (Coleção Primeiros Passos).
- _____. Círculo de Cultura. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides e Zitkoski, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FERREIRA, Fernanda Carvalho. **Mediação Pedagógica no acolhimento institucional e as práticas socioeducativas com crianças e adolescentes nas relações de conflitos**. 2014. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A sociedade em rede**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAUÍ, Marilene. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. **Revista teoria e debate** [junho de 2013] Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em: 12 set. 2014.

CUT. Central única dos Trabalhadores. **O que é sistematização?** Uma pergunta, diversas respostas. São Paulo, 2000.

DIAS, Camila, Santos. **Educação não formal e emancipação humana sob olhar da psicologia.** 2007. 155f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica (PUC), Campinas, 2007.

DEMO, Pedro. **Cidadania tutelada e cidadania assistida.** Campinas: Autores Associados, 1995.

DI FELICE, M. Um orgasmo democrático. [junho de 2013] Disponível em: <http://netativismo.wordpress.com/2013/11/01/um-orgasmo-democratico/> Acesso em: 12 nov. 2013.

FALCONER, Andres, Pablo. **A promessa do Terceiro Setor.** São Paulo: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão. São Paulo: centro de estudos em administração do terceiro setor, 1999.

FERRARI, Anderson. **Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo.** In: XXIII Encontro Nacional da ANPED, Caldas, 2003.

FILHO, Adilson Vaz Cabral; CARVALHO, Aline. Da "alterglobalização" à "indignação": reconstruindo as redes sociais no início do século XXI **Revista FELAFACS: cidadania y ciberdemocracia: experiências y políticas públicas en iberoamérica**, n. 86, 2013.

FONSECA, Simone Farias. **Formação sócio política da universidade popular (UNIPOP): fundamentos e contribuições da educação popular na formação de lideranças sociais.** 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade do Estado Do Pará, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo, 1980.

_____. **Educação e Atualidade Brasileira.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 184p.

_____. **Extensão ou comunicação?.** São Paulo: Paz e Terra. 2011.

GADOTTI, M., Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez. 2012.

----- . A questão da educação formal/não formal. Institut international Des Droits Del Enfant (IDE). Suisse: 2005

GALEANO, Eduardo. **la #acampadaBCN**, 2011. (11 min e 4 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aVQPvBwgUUg>. Acesso em: 16 set. 2013.

GOHN, Maria da Glória “Não são apenas os ‘sem’ que protestam, os ‘com’ estão ameaçados”, in: Entrevista. **IHU online**, São Leopoldo, 11ago.2003, p.4-8.

_____. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

_____. Abordagem teórica no estudo dos movimentos sociais na América Latina. Caderno **Caderno CRH: Salvador, 2008**.

_____. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. A revolução será tuitada. **Cult – Revista Brasileira de Cultura**, São Paulo, n. 169, p.23-27, jun./2012.

_____. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

_____. **Sociologia dos Movimentos Sociais**: Indignados, Occupy, Wall Street, primavera Árabe e mobilizações no Brasil. São Paulo: Cortez, 2013

_____; BRINGEL, Breno, M. **Movimentos Sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **A sistematização de experiência**: prática e teoria para outros números possíveis

KOZINETS, Robert V. **Netnography: Doing Ethnographic Research Online**. London, Sage, 2010

LEMOS, André. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. **Galáxia**, n.8, out. 2004.

LÉVY, Pierre Lévy comenta os protestos no Brasil: **‘Uma consciência surgiu. Seus frutos virão a longo prazo’** [26 de junho de 2013]Entrevistador: André Miranda. Disponível em: <http://netativismo.wordpress.com/2013/11/01/entrevista-com-pierre-levy/> Acesso em: 10 nov. 2013.

_____. **Cibercultura**. 3ed. São Paulo:34, 2010

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. Sociólogo francês diz que protestos vão continuar [29 de outubro de 2013]
Entrevistador: Andrei Neto. Disponível em
<http://netativismo.wordpress.com/2013/11/01/um-orgasmo-democratico/> Acesso em:
30 out. 2013.

MARIACATO, Ermínia, et al. **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.

MARTINS. J. F. **Mst, via campesina e educação**: integração e o instituto de agroecologia latino americano (iala) guarany. 32^a Reunião da ANPED, Porto de Galinhas, 2012.

MARTINS, Nilza da Silva. Universidade e movimentos sociais: espaços de educação e cidadania. 2011. 120fl. Dissertação de Mestrado. Programa pós Graduação em educação e contemporaneidade

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPEd, 1997.

_____. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bonfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MONTAÑO, Carlos, **Terceiro setor e questão social**: crítica ao padrão emergente de investigação social. São Paulo: Cortez, 2007.

MORETTI, C. Z. **Educação Popular em José Martí e no movimento indígenas de Chiapas**: a insurgência como princípio educativo da pedagogia Latino- Americana. 2008. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, 2008.

_____. Rebeldia/Rebelião. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides e Zitkoski, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MOURA, E. P., ZUCCHETTI, D. T., Educação além da escola: acolhida a outros saberes. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 629-648, São Paulo, 2010.

NOGUEIRA, Silvia Garcia. **A geração 2.0 “faz a hora”, vai às ruas e sacode o país**. In: Souza Cindoal Moraes de. Jornadas de junho: repercussões e leituras. [Livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

PINTO, Alvaro Vieira. O conceito de tecnologia. **Contraponto**, 2005

PESCHANSK, João Alexandre. In: Os **ocupas e a desigualdade econômica**. In. Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas.

PEREIRA, Abílio Marcus. **Internet e mobilização política**: os movimentos sociais na era digital. Rio de Janeiro, XVI Encontro da Compólitica, 2011.

PETRONI, Camila; LESSA, Débora. **Os perigos da pátria amada** [18/06/2013]. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/13269>. Acesso em: 20 set. 2013.

RICCI, Rudá. Novíssimos movimentos sociais ou mobilizações da Geração Y? **Cult – Revista Brasileira de Cultura**, São Paulo, n. 169, jun./2012.

_____. A disputa política está nas ruas. **IHU online**, São Leopoldo: 2013, p.23-29

ROCHA, Bruno Lima. Não é mais possível admitir que uma luta popular tenha como meta a aleijação de algum representante. **IHU online**, São Leopoldo:2013, p.30-33

ROSA, Iara Bethania Rial. **Os Movimentos Sociais Conectados: a voz Zapatista que ecoa na internet**. 2013.122f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteira) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2013.

ROSA, Roberta Soares da; ADAMS, Telmo. **Educação não formal, desenvolvimento da cidadania e direitos humanos: em busca de indicadores de avaliação de políticas públicas**. V Colóquio Internacional de Educação em Direitos Humanos, 2013.

SACCOL, Amarolinda; SCHLEMMER, Eliane; BARBOSA, Jorge Luis Victória . **M-learning e U-learning: Novas Perspectivas da Aprendizagem Móvel e Ubíqua**. São Paulo: Pearson Education, 2010.

SABOTTKA, Emil Albert. A utopia político-emancipatória em transição: movimentos sociais viram ONGs, que viram terceiro setor. **Teoria e Sociedade**, UFMG, 2003.

SANCHES, Cínara Del Arco. **A contribuição à sistematização de experiências para o fortalecimento do campo agroecológico e da agricultura familiar no Brasil**.2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, André de Melo. As manifestações e os Black blocs. **Revista Sociologia em Rede**, v. 4, n. 4, 2014.

SANTOS, Boaventura Souza. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. **Educação e realidade**, v. 1, n. 26, p. 13-32, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. Record, 2001.

SANSON, Cesar. O caráter da criminalização dos movimentos sócias no Brasil. **OSAL**, n. 24, p. 197-200, 2008.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. Coleção Estudos Brasileiros. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. Sujeitos e movimentos conectando-se através de Redes. **Política e trabalho**, 2003.

_____. Das mobilizações às redes de Movimentos Sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, n. 21, p. 109-130, 2006.

SILVA, Ronalda Barreto. **Educação comunitária**: além do estado e do mercado? A experiência da campanha Nacional de Escolas da comunidade – CNEC (1985-1998). Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUZA, Janice Tirelle Ponte. **Juventude, contestação e política de pernas pro ar: o movimento Passe Livre em Florianópolis**. XXIV Congresso da ALAS, 2005.

STRECK, Danilo R. **Dizer a sua palavra**. São Leopoldo, RS: Editora Seiva, 2005.

_____. **José Martí e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Pensadores e Educação).

_____. **Entre emancipação e regulação**: (des)encontros entre a Educação popular e os movimentos sociais. XXXII Encontro Nacional da ANPED, Caxambú, 2009.

_____; ADAMS, Telmo. Lugares da Participação e Formação da Cidadania. **Civitas: Revista de Ciências Sociais** (Impresso), v.6, n.1, p. 95-117, 2006.

_____; _____. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 38, p. 243-258, 2012.

_____; _____. **Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonidade**. 1ed. Curitiba, 2014.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí, RS:Unijuí, 2005.

TREVISAN, A, P., BELLEN, M, H.,. Avaliação de políticas públicas: uma revisão teórica de um campo em construção. **Revista de administração pública**, v.42, 2008.

VIOLA, Solon Eduardo Annes; PIRES Thiago Vieira. Os difíceis ecos dos sireitos humanos: participação e cultura entre as gerações. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.8, n2, p. 83-102, mai-ago.2014

ZIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: boitempo, 2012.

APÊNDICE A - FORMULÁRIO ELETRÔNICO PARA VISUALIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E IDENTIFICAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS PARA A PESQUISA

Pedagogia dos Movimentos Sociais: as manifestações de 2013 como espaço de aprendizado

O presente estudo pretendo refletir sobre os Movimentos Sociais como espaço de Educação não-formal, de aprendizado e prática de cidadania e direitos humanos em espaço não institucionalizado tendo como objeto de foco o Bloco de Lutas pelo Transporte Público Porto Alegre.

Acreditando que as manifestações organizadas pelo Bloco de Lutas trata-se de um processo histórico rico, de experiência coletiva, a metodologia escolhida para realizar esta pesquisa foi a Sistematização de Experiências, afim de possibilitar que esta história seja contada pelos protagonistas refletindo sobre a experiência vivenciada, possibilitando que esta experiência contribua para as ações do movimento.

Para realização desta pesquisa a disposição e interesse dos protagonistas das manifestações de 2013, militantes do Bloco de Lutas, é fundamental, pois como citado anteriormente a história deve ser contada por quem a vivenciou. Assim este instrumento tem por objetivo identificar pessoas interessadas em refletir e reconstruir a experiência vivida buscando entender o Bloco de Lutas como espaço de educação não formal e também contribuir para a teoria dos Movimentos Sociais que por vezes não reconhece estas ações como Movimento Social.

*Obrigatório

Instrumento inicial de visualização dos participantes e identificação de voluntários para participar da pesquisa

Para alguns intelectuais, jornalistas e mídia em geral, os militantes em sua maioria são jovens estudantes de classe média. Este tópico tem o objetivo de contradizer, ou não, estas afirmações.

1. Idade *

Marque todas que se aplicam.

- 15 a 17 anos
- 18 a 20 anos
- 20 a 23 anos
- 25 a 30 anos
- 30 a 35 anos
- mais de 35 anos
-

2. Escolaridade *

Marque todas que se aplicam.

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Graduação completa
- Graduação incompleta
- Pós- graduação

3. Qual a sua profissão/ocupação? *

4. Histórico de militância *

Antes ou além do Bloco de Lutas, você milita ou militava em outro movimento? Qual(ais)?

5. Motivações *

O que te motivou a participar das ações do Bloco de Lutas?

6. Mobilização *

Como você conheceu o Bloco de Lutas e a quanto tempo participa?

Marque todas que se aplicam.

- Através de amigos que participam
- Pela internet (facebook, twitter, site, blog, e-mail, etc)
- Através de outro(s) movimento que participo
- Através da televisão
- Através dos jornais

7. Disponibilidade para a pesquisa *

Você gostaria de participar desta pesquisa de Mestrado em Educação do PPG- Edu Unisinos? Para a realização da mesma serão enviados outros instrumentos via e-mail e também serão realizados encontros presenciais a ser combinado com o grupo.

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

8. Caso a resposta seja sim

Por favor entrar em contato pelo e-mail robertasdarosa@gmail.com

9. Caso a resposta seja não

Por favor justifique

10. Observações, sugestões, críticas, etc

11.

APÊNDICE B - TERMO DE LIVRE CONSCENTIMENTO



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Área de Ciências Humanas
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Pedagogia dos Movimentos Sociais: as manifestações de 2013 como espaço de aprendizado”, de responsabilidade de Roberta Soares da Rosa, aluno(a) de Mestrado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. O objetivo desta pesquisa é discutir as potenciais mediações pedagógicas oportunizadas a partir das mobilizações protagonizadas pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público Porto Alegre em 2013.

. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa. A coleta de dados será realizada por meio de *entrevistas, questionários online, encontros presenciais, e-mails e mídias sociais*. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco

Espera-se com esta pesquisa estudar de um movimento social urbano relativamente recente, que tem como importante característica a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs para organizar, mobilizar e divulgar suas ações. Além disso, a pesquisa poderá contribuir para teoria dos movimentos sociais e educação.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 51 84256035 ou pelo e-mail robertasdarosa@gmail.com

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de *seminário e relatório final* podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

São Leopoldo, ____ de _____ de _____.

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

Plano de entrevista individual

Data:

Local da entrevista:

Perfil			
Nome:		Idade	
Escolaridade			
Movimento/coletivo/partido político, etc			
Situação inicial			
1	Antes do Bloco de Lutas, fazia parte de algum Movimento Social, coletivo, sindicato, partido político, etc? Qual? Breve descrição com objetivos desse espaço		
2	Como você tomou conhecimento das ações do Bloco de Lutas Porto Alegre?		
3	Como ou por que meios desenvolveu a sensibilidade para as questões sociais (que levaram a se engajar em algum movimento e depois no Bloco de luta)?		
4	O que motivou-lhe a participar das ações do Bloco de Lutas?		
Vivência no Bloco de Lutas POA			
5	Qual foi seu primeiro contato com em que momento (ato, formação, assembléia...) o bloco direto presencial? (descrição)		
6	Como tomava conhecimento das pautas de debate e reivindicações?		
7	De que forma contribui para as ações do bloco (mobilização, participação ativa presencial, participação ativa virtual)		
8	Além das ações coletivas, você participou de algum momento de formação (assembléia, seminário, aula pública, etc) promovido pelo bloco? Qual? Onde? Qual era o objetivo? Quem forma os mediadores? Já tinha participado desse tipo de formação em outros espaços? Quais?		
Situação final			
9	O que você aprendeu nas vivências com o Bloco de Lutas POA? Como, através de que meios?		
10	Após mais de um ano, como avalia a ação do bloco? Valeu a pena? Por que?		
Lições aprendidas			
11	Se voltasse o tempo e pudesse recomeçar a história do bloco, o que faria diferente?		

ANEXO A - PROGRAMAÇÃO DO SEMINÁRIO: PASSE LIVRE, TRANSPORTE 100% PÚBLICO E MOBILIDADE URBANA

Seminário: Passe Livre, Transporte 100% Público e Mobilidade Urbana

O Bloco de Luta pelo Transporte Público pelo Transporte Público convoca trabalhador@s, estudantes e toda a população de Porto Alegre para participar do Seminário neste final de semana.

O Seminário é a oportunidade de aprofundarmos conjuntamente cada vez mais nossas pautas. Estarão presentes diversos movimentos sociais e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Teremos palestras, cine-debates e muita construção.

Sábado das 14h às 22h.

Domingo das 8h às 16h.

PROGRAMAÇÃO:

->13/07/13 SÁBADO

13h- Bate papo rodoviários: Explicação sobre o transporte público em POA

14h Almoço

15h- Divisão em grupos de debate: Grupos pequenos para debate e criação de propostas

16:30 -Encaminhamentos: Abrir para grande grupo

17h – Professor Schimitão: Viabilidade econômica do passe livre 16h/17h - Grupos de debate: Grupos pequenos para debate e criação de propostas

18h/19h – Encaminhamentos: Ao grande grupo

20h/21h – Cine debate: Impasse

22h/23h – Janta e oficinas: No pátio

->14/07/13 DOMINGO

09h/10h – Cine debate: Dias de dissídio

10h/11h – Grupos de debate: Apresentação de relatoria final 11h/12h – Almoço

12h/15h – Plenária : Elaboração de projeto final

15h/infinito - ATO CULTURAL NO PÁTIO

BLOCO DE LUTA PELO TRANSPORTE 100 %PÚBLICO

Fonte: Página do Bloco de Luta no facebook

ANEXO B - PANFLETO DO BLOCO DE LUTA

BLOCO DE LUTA PELO TRANSPORTE PÚBLICO



TRANSPORTE PÚBLICO NÃO É MERCADORIA!

Todos temos o direito de ir e vir, exija este direito. (CF/88 inciso XV do art. 5º)



Não ao aumento da passagem de ônibus.



A licitação (um processo OBRIGATÓRIO) deveria atuar na defesa dos interesses da coletividade, como a renovação e ampliação da frota, redução de custos e melhoria dos serviços para os usuários do Transporte Público. **NUNCA HOUVE LICITAÇÃO no Sistema de Transporte Público de Porto Alegre.**



Contra a segregação urbana dos moradores das periferias.



Domínios e feriados = mesmas linhas de ônibus que funcionam nos dias úteis.



Pelas reivindicações dos rodoviários: redução da jornada de trabalho para 6 horas, reajuste salarial e fim do banco de horas.



Pela acessibilidade universal em toda a frota.



Bloco de LuTa pelo Transporte Público



ANEXO C - NOTA DO BLOCO DE LUTA

NOTA DO BLOCO DE LUTA

A mídia continua fazendo o seu papel manipulador! Enquanto num primeiro momento tenta deslegitimar e ignorar o movimento, agora, transvestido de um suposto apoio, tenta divergir a pauta colocando pautas reacionárias e superficiais no lugar dos motivos centrais da luta!

Não estamos nas ruas lutando por centavos! Estamos lutando por direitos e dignidade nos quais a democracia dos ricos não nos garantem. Nossas pautas se estendem e alcançam as demandas históricas do povo brasileiro, nossas condições de vida em cada vila, periferia, assentamentos, comunidades ribeirinhas e tradicionais, estão próximas da linha da miséria, o custo de vida da população pobre sofre a cada avanço dos setores da burguesia nacional e internacional.

Neste momento o povo brasileiro se levanta contra os políticos corruptos e seus aliados: OS RICOS, A MÍDIA E SEUS GOVERNANTES.

Não queremos centavos, exigimos mudanças estruturais, reformas de base, como a reforma agrária, política, investimento nas áreas de saúde e educação

Não acreditamos na democracia representativa que favorece a ordem dos ricos sobre os pobres. Estamos criando espaços legítimos nas ruas para uma democracia direta e popular.

Acompanhamos o repasse de bilhões de recursos públicos para obras privadas e de interesse da FIFA, agora exigimos a mesma agilidade nas demandas do povo. QUE OS RICOS PAGUEM A CONTA!

Denunciamos os setores fascistas, conservadores e nacionalistas que tentam se apropriar das mobilizações para avançar seus projetos reacionários e conservadores. E convocamos o povo organizado a se juntar ao bloco até a vitória e conquistas reais do povo.

Lutamos por:

- Transporte 100% público, abertura das contas das empresas de transporte, passe livre para estudantes, idosos, desempregados.
- Pela retirada imediata dos inquéritos movidos contra manifestantes.
- FORA COPA FIFA e seu Estado de Exceção.
- Democracia Direta e Popular



ANEXO D - INSTRUÇÕES SOBRE O SPRAY DE PIMENTA

GÁS LACRIMOGÊNICO

Vista roupas impermeáveis. O algodão absorve o gás, deixando os químicos em contato com sua pele por mais tempo. Use bandana ou máscara de pintor (R\$ 1) com vinagre diluído em água. Se puder, leve um Cebion (ou similar) e coloque na boca. Use óculos de natação (R\$ 2 em lojas de artigos esportivos). Não use lentes de contato pois elas retêm o gás nos olhos. Passe leite de magnésia ou bicarbonato de sódio em volta dos olhos para aliviar o ardor. Antes de ir à manifestação, tome banho com sabão neutro. A oleosidade da pele ajuda a fixar o gás. Nunca esfregue os olhos! Para desinfetá-los, vire a cabeça lateralmente e deixe a água escorrer do olho para fora, em um olho de cada vez. A amônia corta o efeito do gás.

Ao voltar, tire as roupas antes de entrar em casa. O gás e principalmente o spray de pimenta permanecem na roupa por muito tempo. Coloque-as num saco plástico, e então lave ou jogue fora. Tome um banho Frio (pois fecha os poros e o químico não entra na pele) com sabão neutro. Se puder use roupas impermeáveis, que cubram a maior parte do seu corpo.

O QUE VOCÊ DEVE SABER SOBRE O SPRAY DE PIMENTA

QUEM DEVERIA EVITAR O SPRAY: aqueles com asma, problemas respiratórios ou infecciosos; mulheres grávidas; mulheres que pretendem engravidar; qualquer pessoa doente ou com um sistema imunológico baixo; infecção nos olhos; quem usa lentes de contato; crianças.

PREOCUPAÇÕES QUE DEVEM SER RELACIONADAS AO SPRAY: já que o spray de pimenta deve ser jogado de uma distância curta, a policia poderá tentar remover seus óculos de proteção ou sua máscara.

A reação aos químicos será beneficiada se houver alguma irritação na pele, como ACNE ou ECZEMA severa.

As LENTES DE CONTATO prendem os gases irritantes e os componentes químicos, podendo aumentar os danos e as irritações causados por eles. Consiga óculos de grau e avise aos outros para não usar lentes de contatos.

ASMÁTICOS deverão trazer a suas bombinhas.

A primeira e mais importante coisa que deve ser lembrada é: RELAXE! Se você estiver mentalmente preparado, tiver suplementos necessários e conhecimento, não irá precisar de assistência médica. Medo e confusão são as armas mais potentes do Estado. Confidência, determinação, preparação e conhecimento de nossa força são suas melhores armas.

Fonte: Página do Bloco de Luta no facebook